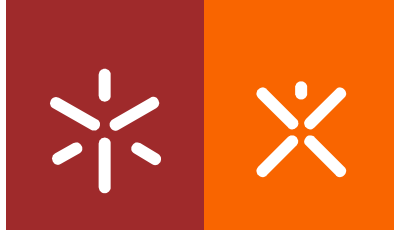




**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Ana Catarina Rodrigues da Cunha

**Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Ana Catarina Rodrigues da Cunha

**Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Estudos da Criança  
Área de Especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Ana Maria Tomás de Almeida**

outubro de 2014

## DECLARAÇÃO

Nome: Ana Catarina Rodrigues da Cunha

Endereço electrónico: [anacunhadas1@hotmail.com](mailto:anacunhadas1@hotmail.com)

Número do Bilhete de Identidade: 13725166 1 ZZ9

Título dissertação: Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno

Orientador: Professora Doutora Ana Maria Tomás de Almeida

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da Criança – Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31/10/2014

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

A realização deste extenso e árduo trabalho não seria possível sem o apoio de muitas pessoas que estiveram comigo desde o início deste projeto, que marca um importante momento na minha vida pessoal e académica, e as quais passo a mencionar:

Agradeço à minha orientadora, **Professora Doutora Ana Maria Tomás de Almeida**, pelo apoio e dedicação demonstrados, por acreditar em mim e nas minhas capacidades, pelas palavras de incentivo e motivação e pelo carinho.

À **Professora Doutora María Victoria Carrera-Fernández**, pelo seu apoio e prestabilidade, por ter entrado nesta aventura e por acreditar neste projecto, pelos seus conselhos, pela sua motivação e carinho.

**Aos meus pais** por me permitirem seguir este sonho, por acreditarem em mim, pelo incentivo, pela sua preocupação e dedicação ao longo destes vinte e três anos e por me mostrarem que seria capaz de alcançar este objetivo.

À **minha irmã, Inês**, por me disponibilizar a sua ajuda na análise de dados, pela paciência, pelas dicas e ideias.

**Ao Jorge** pela compreensão, pela ajuda nas questões informáticas, por acreditar em mim e no meu trabalho, pela sua dedicação em disponibilizar a sua ajuda para a consecução deste trabalho e pelo incentivo a nunca desistir.

À escola Dr. Francisco Sanches, particularmente à **Professora Isabel Candeias**, à **Dra. Cristina Canelas**, à **Dra. Eugénia** e à **Dra. Filipa**, por me receberem de braços abertos na sua instituição, por me permitirem aplicar este projeto junto dos seus alunos, pelo apoio disponibilizado e por acreditarem neste projeto.

**Aos alunos das turmas de 5º e 6º ano** da escola básica Dr. Francisco Sanches, pelo que me permitiram aprender e pela participação autêntica, franca e generosa.

***Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno***

Ana Catarina Rodrigues da Cunha (PG21030)

Mestrado em Estudos da Criança, Área de Especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças,

Jovens e Famílias

Universidade do Minho

2014

**Resumo**

O bullying caracteriza-se por comportamentos negativos recorrentes de vitimação, perpetrada por um ou mais agressores, revertendo em agressões físicas, verbais ou psicológicas, de natureza explícita e direta ou indireta e encoberta, estando subjacente à vitimação o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor. Muitos são os fatores que podem influenciar a prática destes comportamentos negativos para com os pares. O presente trabalho apresenta um estudo exploratório dos comportamentos de bullying, das atitudes perante a homossexualidade feminina e masculina e da diversidade étnica e cultural, acrescentando questões sobre as práticas parentais e o envolvimento dos pais na aprendizagem dos alunos com o objetivo de investigar a relação destas variáveis com as atitudes e as práticas de bullying. Integraram a amostra 41 alunos de duas turmas do 5º e 6º anos com idade média de 11 anos, composta por 73,8% alunos do sexo masculino e 26,2% do sexo feminino. Os resultados obtidos sugerem que os alunos percebem positivamente o apoio e o envolvimento dos pais e dos irmãos (sendo que 97,6% recebem ajuda nos trabalhos de casa, dos quais 31,7% recebem apoio dos irmãos). As conclusões de maior relevo são: as crianças de sexo masculino são aquelas que mais perpetraram bullying físico para com os pares (4,9%); muitas delas já passaram o recreio sozinhas (26,1%); os participantes do sexo masculino não concordam estabelecer relações de amizade com homossexuais (46,3%) e as participantes do sexo feminino não concordam estabelecer relações de amizade com lésbicas (19%); as crianças de ambos os sexos estariam dispostas a votar num partido racista ou xenófobo (47,5%) e 36,6% consideram positivo que sejam realizadas ações discriminatórias contra grupos minoritários. Em suma, podemos salientar, com base nos dados, a importância de um olhar atento ao fenómeno do bullying bem como ao desenvolvimento de ações para promover a tolerância, junto dos alunos, e a criação de um clima positivo e de segurança no contexto escolar, envolvendo também todos os agentes que podem promover a mudança de clima na escola (alunos, pais, professores e corpo de funcionários).

**Palavras-Chave:** Crianças, práticas parentais, etnia e cultura, diversidade de género, bullying.

*Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno*

Ana Catarina Rodrigues da Cunha (PG21030)

Mestrado em Estudos da Criança, Área de Especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças,

Jovens e Famílias

Universidade do Minho

2014

**Abstract**

Bullying is characterized by repeated negative behaviors towards a victim, perpetrated by one or more aggressors, through physical, verbal or psychological aggressions which take overt and direct forms of behavior or indirect and covert ones, featuring victimization and imbalance of power between victim and aggressor. Many factors can influence the practice of these negative behaviors towards peers. The present work presents an exploratory study of bullying behaviors, gay and lesbian homophobia and ethnic and cultural biased attitudes. Data collection was gathered among students through a questionnaire survey aiming at studying the relation of these variables with parental practices and investigating the parental involvement in learning of students and its relationship with the school. The sample included 41 students from two classes of 5<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> grades, age mean 11 years-old, 73,8% male students and 26,2% female students. The results suggest that the students perceived positively the support and involvement of their parents and brothers (97,6% of students received support to make the homework, of which 31,7% received support from their brothers). The most relevant conclusions point out boys as those who perpetrate most physical bullying toward peers (4,9%); most of them have already spent school recess alone (26,1%); male participants were not keen to make friends with gays (46,3%) and the female participants were not keen to make friends with lesbians (19%); children of both gender were willing to vote in a racist or xenophobic party (47,5%) and 36,6% considered to be normal making discriminatory actions toward minority groups. Concluding, we can highlight, based on the data, the importance of paying attention to the bullying phenomenon as well as action development at the school level to promote values of tolerance, increase the students bonding enabling a positive and safety environment in school, involving all agents in the school climate change (pupils, parents, teachers and staff).

**Key-words:** Children, parental practices, ethnic and culture, diversity of gender, bullying.

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Introdução.....	1
I. Contextualização teórica.....	3
1.1. Definições introdutórias ao tema do bullying.....	3
1.2. Práticas parentais e influência para os comportamentos agressivos.....	6
1.2.1. Práticas parentais e bullies.....	9
1.2.2. Práticas parentais e vítimas.....	10
1.3. A influência das práticas parentais para a revelação da vitimização.....	13
1.4. Práticas parentais e o envolvimento nas atividades e tarefas escolares.....	16
1.5. Bullying, cultura e diversidade de género.....	19
1.6. Conclusões.....	22
II. Parte Prática.....	23
2.1. Método.....	23
2.1.1. Tipo de estudo.....	23
2.1.2. Amostra.....	23
2.1.3. Instrumentos.....	25
2.1.4. Procedimento.....	27
2.1.5. Análise de dados.....	27
2.2. Resultados.....	28
2.3. Discussão dos resultados.....	52
Conclusão.....	60
Bibliografia.....	61

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um estudo exploratório dos comportamentos de bullying, das atitudes relativas à homossexualidade feminina e masculina e diversidade étnica levado a cabo com alunos do 5º e 6º anos de escolaridade de uma escola básica na cidade de Braga. O estudo responde ao interesse em estudar as atitudes e comportamentos dos alunos na sequência dos resultados de uma intervenção desenvolvida com pais no contexto de projeto de estágio da autora da presente dissertação de mestrado. A recolha de dados junto dos alunos pretende ainda estudar a relação destas variáveis com as práticas parentais e investigar o envolvimento dos pais na aprendizagem dos alunos e a sua relação com a escola.

A amostra é uma amostra acidental ou por conveniência, uma vez que as turmas foram eleitas de forma não aleatória pela investigadora e tendo em consideração o rendimento escolar e a condição socioeconómica dos alunos. Esta amostra é composta por 41 alunos, sendo que 24 alunos (57,1%) pertencem à turma de 5º ano e os restantes 18 alunos (42,9%) pertencem à turma de 6º ano. Do total dos 41 alunos, 11 (26,2%) são do sexo feminino e 31 (73,8%) são do sexo masculino. A média de idades dos participantes é de 11 anos de idade.

Relativamente às características sociodemográficas, 27,8% dos participantes são de etnia cigana, os restantes são portugueses.

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o inquérito por questionário e relativamente ao procedimento usado, o inquérito foi aplicado no final do ano letivo de 2013/2014, nos dias 2 e 5 de Junho, e distribuído pelas duas turmas de 5º e 6º ano, de uma escola básica do concelho de Braga. A análise e tratamento de dados foram feitos através do software *IBM SPSS Statistics 20*.

Na análise dos dados referentes às **práticas parentais**, 92,9% dos participantes afirma que os pais não são demasiado permissivos, 40,5% referem que os pais os põem de castigo quando não cumprem o que está estabelecido, e ao **acompanhamento dos pais ao longo do percurso escolar dos filhos** 97,6% revelam que têm apoio na realização dos trabalhos de casa, sendo que 31,7% recebem ajuda dos seus irmãos, 87,6% afirmam que os pais sabem quando são os momentos de avaliação e 95,2% sabem as suas notas.

Os resultados obtidos acerca das questões **de violência entre pares no contexto escolar** demonstram que 26,1% dos participantes afirmam que já lhes aconteceu ficarem sozinhos no recreio sem terem ninguém para brincar, na questão do bullying direto (agressões físicas e/ou



verbais) 2,4% dos participantes pertencentes ao sexo masculino revelam que já experienciaram este tipo de bullying e que já agrediram fisicamente os seus pares (4,9%).

Os dados respeitantes às **atitudes respeitantes à orientação sexual dos pares** revelam que 46,3% dos rapazes discordam sobre a possibilidade de terem uma amizade com outros rapazes que sejam gays e 19% das raparigas discordam sobre a possibilidade de desenvolverem amizade com raparigas lésbicas.

Sobre as **questões de etnia e de cultura**, 57,2% concordam que um grupo onde existam diversas opiniões não pode durar muito, 47,5% votariam num partido de ideologia racista e 36,6% consideram positivo que sejam feitas ações discriminatórias sobre determinadas minorias étnicas.

## I. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

### 1.1. Definições introdutórias ao tema do bullying

O bullying caracteriza-se por comportamentos negativos recorrentes de vitimação, perpetrada por um ou mais agressores, revertendo em agressões físicas, verbais ou psicológicas, de natureza explícita e direta ou indireta e encoberta, estando subjacente à vitimação o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor.

Poder que pode ser obtido pela criança que vitimiza como resultado de características individuais tais como a estatura, força ou idade (...) do conhecimento das vulnerabilidades dos outros (...) ou como resultado de desvantagens sociais, incluindo a força em número decorrente do elevado estatuto entre os pares. (Sawyer, Mishna, Pepler & Wiener, 2011, p. 1).

Uma vez percebido este poder, pelo agressor, e compreendidas as vulnerabilidades da vítima, "... os comportamentos abusivos tornam-se mais fáceis e frequentes, reforçando-se a autoridade e ascendência do mais forte obrigando à obediência e submissão do mais fraco" (Almeida & Carrera, 2014, p. 2).

A multiplicidade de manifestações que reveste este fenómeno faz com que o bullying seja considerado por diferentes autores como mas que no essencial se reconheça que é uma forma de maus-tratos, quer sejam eles físicos ou psicológicos e assume, uma faceta intencional, sistemática e repetitiva (Seixas, 2009).

Uma vez que o bullying é um problema em franca expansão nas escolas é importante que vários meios sejam envolvidos no sentido de amenizar e erradicar este fenómeno. Pais, professores, alunos e demais comunidade são os principais agentes da mudança e, por isso, aqueles junto dos quais as intervenções em situações de violência escolar devem ser desenvolvidas.

É facto que o bullying não é um fenómeno recente pois sempre fez parte da instituição escola e será até "...tão antigo como a escola tradicional" (Almeida & Carrera, 2014, p. 2) e, infelizmente, comum em todo o mundo, estimando-se que cerca de 15% das crianças são vitimizadas" (Samivalli & Peets, 2009 citado em Veenstra, Verlinden, Huitsing, Verhulst, Tiemeier, 2013, p. 1).

A sua prevalência será suficiente para não menosprezar este fenómeno ou o desvalorizar, o bullying é um problema sério e que traz consequências muito negativas para a vida daqueles que o experienciam, independentemente de serem agressores ou vítimas, ou seja:

As situações de bullying não devem ser vistas como situações normais da idade ou da dinâmica nas escolas, uma vez que o bullying é prejudicial para os que o exercem, para quem o sofre e para quem o observa, e é um direito de todas as crianças, adolescentes e jovens sentirem-se seguros e protegidos na escola. (Pepler & Craig, 2008 citado em Almeida & Carrera, 2014, p. 5)

Apesar disto, o fenómeno do bullying tem vindo a ganhar, ao longo dos tempos, novas formas de atuação, não sendo unicamente perpetrado no contexto escolar, mas graças às novas tecnologias consegue aterrorizar e perseguir as vítimas também através da internet, das redes sociais, através de mensagens de telemóvel ou chamadas anónimas, a este tipo de bullying dá-se o nome de *cyberbullying*. Atualmente com a utilização de redes sociais, tal como o *facebook*, faz com que os jovens possam manter contactos sociais através da internet, porém, os conteúdos partilhados com os colegas utilizando estas ferramentas podem ser potenciadores de situações de humilhação, que são exponencialmente aumentadas pelas partilhas entre utilizadores do *facebook*.

Deste modo, o *facebook* acaba por ser um prolongamento de uma situação de bullying que, muitas vezes, começa ainda no contexto escolar, até porque, na maioria das vezes, agressores e vítimas têm a mesma rede de contactos no *facebook*, "... é provável que o bullying offline possa encontrar uma forma de continuar no facebook, especialmente quando bullies e vítimas partilham a mesma rede de amigos"(Kwan & Skoric, 2012, p. 24). Assim, o *cyberbullying* deve receber a mesma importância que o bullying pois tem consequências igualmente nefastas para as suas vítimas até porque pode escalar para uma situação em que já nem as vítimas nem os agressores conseguem controlar,

(...) no *cyberbullying*, onde frequentemente as mensagens ou imagens transmitidas por via de telemóveis ou da internet são meios para humilhações e ofensas que podem resultar apenas de um episódio que é publicado numa rede social de espaço aberto, desencadeando consequências duradouras para a vítima e, por

vezes incontroláveis, quer para as próprias vítimas quer para os agressores. (Smith et al., 2008 citado em Almeida & Carrera, 2014, p. 3)

Por conseguinte, o bullying deixou de ser apenas um acontecimento que ocorre unicamente no contexto escolar, o que só torna mais necessário saber-se onde tem origem e analisar o histórico do relacionamento de vítimas e agressores no sentido de compreender que fatores podem ser potenciadores destes comportamentos agressivos.

Deste modo, o objetivo deste trabalho centra-se em analisar a prevalência de situações de maus tratos entre pares, num grupo de adolescentes, e a sua relação com variáveis familiares e culturais, como normas entre entidades normativas e não normativas. Na continuação desta breve nota introdutória faz-se o enquadramento conceptual destas questões.

## 1.2. Práticas parentais e a influência para comportamentos agressivos

Segundo alguns estudos, o bullying e a vitimização são influenciados por diferentes contextos em que a criança ou jovem estão inseridos, tal como referem Espelage e Swearer “a partir de uma perspectiva socioecológica, o bullying e a vitimização são influenciados por múltiplos contextos em que a criança está inserida, incluindo a casa, a escola, os pares e a comunidade”(op. cit., 2010, em Demaray, Malecki, Secord & Lyell, 2013, p. 2091).

Para percebermos na íntegra o fenómeno do bullying iremos focar em primeiro lugar a influência das práticas parentais de vítimas e agressores no sentido de compreendermos de que forma essas práticas podem influenciar o facto de uma criança ou jovem, ter ou não maior predisposição para se tornar um agressor ou vítima. Apesar de existirem inúmeros fatores que contribuem para o bullying, as práticas parentais e o ambiente familiar são preditores que podem potenciar determinados comportamentos, tal como afirmam Smith e Myron-Wilson (1998, citado em Baldry & Farrington, 1998, p. 238): “Diferenças individuais e características pessoais podem ser identificadas como fatores de risco ou de proteção para o bullying ou para a vitimização (...) mas os backgrounds familiares e as práticas parentais também podem ser influenciadores”.

Segundo alguns autores, o bullying que ocorre no contexto escolar tem a sua génese em casa e durante a infância, “(...) desde que a maioria dos investigadores (...) concordam que o bullying na escola começa em casa, a parentalidade e todos os seus aspetos têm vindo a ser analisados como possíveis correlações do bullying” (Georgiou & Stavrinides, 2013, p. 166) ao mesmo tempo que outros autores afirmam que “todos os incidentes de vitimização parental e bullying têm o seu início na infância” (Seeds, Harkness & Quilty, 2010, p. 689).

Efetivamente, outros autores partilham da mesma opinião sendo que muitos indicam que as experiências familiares ajudam a moldar o comportamento da criança e a forma como esta reage perante determinadas situações, e isto acontece mesmo antes da entrada para a escola, “as experiências familiares da criança, antes da entrada para a escola ajudam a moldar a sua capacidade para se adaptar e lidar com determinadas situações na escola e têm um impacto na relação da criança com os seus pares”(Ladd, 1992 citado em Lereya, Samara & Wolke, 2013, p. 1092), uma vez que os próprios pais e a família são os primeiros agentes de socialização e por isso influenciadores dos comportamentos dos filhos, “(...) as figuras parentais são

simultaneamente as primeiras e principais fontes de socialização, sendo o modelo mais importante para relações futuras” (Gallarin & Alonso-Arbiol, 2012, p. 1601).

Apesar de as práticas parentais não terem uma influência direta nos comportamentos de bullying, podem ser potenciadoras de determinados comportamentos agressivos dos seus filhos, indo de encontro àquilo que se diz na gíria popular, “os filhos são o reflexo dos pais” e, neste caso em particular, aplica-se esta regra. De acordo com Georgiou e Stavrinides (2013, p. 166), “(...) as crianças são produtores ativos das suas relações com os pais, e as suas características comportamentais influenciam singularmente esta relação”.

O conceito de família ao longo do tempo que tem vindo a ser alvo de mutações bem como as relações familiares que há muito já não são o que eram. Por via de diversos fatores, muitos pais passam menos tempo com os seus filhos e, principalmente, na fase da adolescência sabemos que o facto de os jovens ansiarem ser mais independentes os afasta mais da família, o que os deixa com menos supervisão parental e lhes rouba a proximidade com os progenitores. Por outro lado, a entrada na adolescência faz com que os jovens acabem por confiar mais nos amigos e menos nos pais, tal como nos dizem alguns autores, “Durante a adolescência, a rede de apoio social passa por uma grande mudança: os sentimentos de apoio, de proximidade e intimidade com os pais, sofrem um declínio durante a adolescência” (Furman & Buhrmester, 1985, 1992 citado em Seeds et al., 2010, p. 682).

No entanto apesar de os adolescentes sentirem mais facilidade em conversar com os seus amigos sobre situações quotidianas, os pais não podem deixar de prestar atenção aos seus filhos, tentando estabelecer uma ligação próxima e mostrando-lhes que lhes dão apoio até porque, “(...) é crucial que os jovens se mantenham ligados aos seus familiares para receber orientação e apoio enquanto eles enfrentam difíceis desafios sociais, emocionais e cognitivos durante este período das suas vidas” (Fosco, Stormshak, Dishion & Winter, 2012, p. 202).

Contudo, as crianças e jovens não devem ficar sem supervisão parental e precisam do apoio dos pais e família para lidar com situações adversas sob risco de desenvolverem condutas erróneas logo desde a infância, caso não existam estas práticas parentais positivas. De acordo com alguns estudos, já na infância se notam alguns problemas comportamentais decorrentes da falta de supervisão parental tais como, desobediência, violação de regras, violência, mentiras, roubos, entre outros, sendo que acabam por escalar e assumir formas mais preocupantes na adolescência e idade adulta, nomeadamente como uso de substâncias, delinquência e conduta criminal (Fosco et al., 2012).

Uma relação familiar positiva é o elemento chave para um desenvolvimento socioemocional positivo, se a relação entre pais e filhos for mais próxima e se basear nos princípios da aceitação e apoio diminui o risco de desencadear muitos problemas, especialmente o bullying. “O contacto entre pais-jovens tem sido relacionado com o decréscimo do risco para um conjunto de problemas tais como uso de substâncias, depressão, bullying, relações sexuais precoces e tentativas de suicídio e está associado com o aumento do sucesso dos jovens” (Ackard et. al, 2006; Flouri& Buchanan, 2003; Markham et. al, 2003 citado em Fosco et al., 2012, p. 203).

Relativamente às práticas parentais e à sua influência face a uma maior vulnerabilidade para serem vítimas de bullying ou, por outro lado, para serem agressores, o estudo de Unnever e Cornell (2004) explica que, efetivamente, as práticas parentais podem influenciar estes comportamentos isto é, práticas parentais que sejam demasiado intrusivas para a criança baseadas na superproteção, nas práticas coercivas e/ou de controlo psicológico aumentam a vulnerabilidade de uma criança face ao bullying, ao passo que crianças cujo ambiente familiar é pautado por situações agressivas tendem a reagir de forma mais agressiva e a apresentar comportamentos mais violentos com os seus pares, bem como comportamentos antissociais, nomeadamente agressões, violação de regras, entre outros.

Segundo o estudo de Sedds et al. (2010), quando uma criança ou jovem experiencia, simultaneamente, o maltrato parental e a vitimização de bullying ocorre um decréscimo do nível de apoio e de sentimentos de pertença e aumentam os níveis de depressão e de fraca perceção de apoio social, “... tanto o bullying entre pares e abuso físico e emocional na infância, (...) estão associados com fraca perceção de apoio social” (Seeds et al., 2010, p. 688).

Também o estudo de Unnever e Cornell (2004, p. 384) indicaque“... a socialização parental (e.g. práticas parentais e recursos da relação pais-filhos) é um importante fator quando se explicam as reações à vitimização pelos pares”.

Uma vez que é de suma importância fazer o paralelo entre estes fatores, é igualmente imprescindível compreender se as práticas parentais mais agressivas ou severas podem desenvolver a prática de comportamentos de bullying por parte de uma criança e compreender se, por outro lado práticas parentais mais positivas, baseadas no apoio e compreensão conseguem inverter esta tendência.

De acordo com a literatura sobre este tema, podemos encontrar uma correlação entre práticas parentais agressivas e comportamentos de bullying, isto é, para Georgiou e Stavrinides

(2013, p. 166), “(...) as práticas de gestão parental e familiar interagem com atributos comportamentais que contribuem indiretamente para comportamentos agressivos como o bullying”. Assim, a forma como os pais exercem a sua parentalidade tem influência nos comportamentos dos seus filhos, por exemplo, pais mais atentos aos seus filhos diminuem em grande número a probabilidade de estas crianças se tornarem agressivas ao passo que pais mais autoritários, que recorrem a métodos agressivos e hostis para lidar com os seus filhos tendem a desencadear nestes comportamentos mais violentos. Georgiou e Stavrinides (2013, p. 166) explicam este aspeto no seu estudo, demonstrando que “a violência entre pares está associada à fraca supervisão parental e envolvimento inadequado com a criança” por outro lado, “(...) pais que prestam atenção aos seus filhos, supervisionam-nos de perto e esperam que os seus filhos sejam bem sucedidos são fundamentais na redução de comportamentos agressivos, quer com a família quer com os de fora” (Hagan & McCarthy, 1997, citado em Georgiou & Stavrinides, 2013, p. 166).

Uma vez corroborada a correlação entre práticas parentais e o desenvolvimento de comportamentos de bullying, “Parentalidade tem sido extensivamente investigada como fator de correlação entre o bullying e a vitimização” (Fosco et al., 2013, p. 166), importa agora compreender que tipos de práticas parentais experienciamos bullies e as vítimas, até porque as famílias desempenham um papel importante no desenvolvimento dos seus filhos,

As famílias desempenham um papel central no desenvolvimento da criança e é, portanto, muito importante compreender que tipos de parentalidade podem estar identificados como fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento da criança que estará mais suscetível de se envolver no bullying. (Smith et al., 1993 citado em Baldry & Farrington, 1998, p. 239)

### **1.2.1. Práticas parentais e bullies**

O facto de uma criança perpetuar comportamentos agressivos ou violentos para com os seus pares pode evidenciar que estas mesmas crianças experienciam práticas parentais mais agressivas e hostis e demonstram que os seus pais são tolerantes face à violência.



De acordo com alguns investigadores, afirmam que as crianças que exercem comportamentos de bullying perante os seus colegas são, maioritariamente, provenientes de famílias mais agressivas que recorrem a métodos mais hostis e punitivos para educar os seus filhos, “(...) crianças que exercem bullying para com os seus pares têm maior probabilidade de serem provenientes de famílias cujos pais usam práticas autoritárias, severas e punitivas para lidar com os seus filhos” (Rigby, 1993 citado em Baldry & Farrington, 2013, p. 167), o uso de ameaças e castigos físicos também ajudam a compreender a emergência destes comportamentos nas crianças (Baldry & Farrington, 1998). Também os bullies afirmam que as suas famílias são mais autoritárias e mais conflituosas e agressivas (Georgiou & Stavrinides, 2013).

Segundo o estado da arte, podemos traçar um perfil familiar dos bullies, sendo que as suas famílias são, geralmente, mais agressivas e menos coesas, conflituosas e autoritárias e os pais tendencialmente punem os seus filhos na base de castigos físicos, incluindo agressões físicas e práticas violentas, “pais de bullies podem ser também extremamente punitivos, o que significa que quando os seus filhos fazem algo errado, eles castigam-nos quer através de gritos ou agressões (...) os pais dos bullies são geralmente mais violentos” (Farrington, 1993 citado em Baldry & Farrington, 1998, p. 239).

Um ambiente familiar conflituoso e pouco coeso faz com que os bullies deprendam que podem ter comportamentos erróneos no contexto escolar para com os seus pares sem que sofram um castigo ou punição por parte dos pais que não lhes prestam muita atenção e, assim, acabam por prolongar aquilo que vivem nas suas famílias, procurando uma vítima a quem possam dominar, tal como muitas vezes acontece no seio familiar, “Os bullies sentem que não têm nenhum controlo e poder na sua casa, onde muita violência ocorre, portanto procuram na escola alguém para vitimizar e controlar” (Baldry & Farrington, 2013, p.240).

### **1.2.2. Práticas parentais e vítimas**

Se por um lado as crianças filhas de pais mais agressivos e autoritários se tornam mais violentos e agressivos para com os seus pares, por outro as crianças cujos pais são superprotetores e demasiado intrusivos na vida dos seus filhos e que não os deixam tomar decisões sozinhos, são aqueles que estão mais predispostos para experienciarem a vitimização

de bullying, “(...) as vítimas de bullying tendem a ter membros da família que são demasiado apoiantes e super envolvidos nas decisões e atividades da criança, e no geral são superprotetores” (Baldry & Farrington, 1998, p. 240).

É facto que os pais devem prestar atenção aos seus filhos e ter interesse por aquilo que eles realizam no entanto, não devem ser demasiado protetores em relação às crianças pois não permitem que elas próprias tomem decisões e que criem estratégias para lidar com determinado tipo de situações quotidianas.

Os pais devem supervisionar os seus filhos mas sem se tornarem demasiado intrusivos caso contrário poderão fazer com que as suas crianças sejam incapazes de serem assertivos e autónomos:

Apesar do envolvimento parental e o apoio e elevada supervisão diminuir as hipóteses de crianças superprotegidas se envolverem em comportamentos de bullying, para as vítimas, a superproteção aumenta este risco. É possível que crianças com pais superprotetores não desenvolvam qualidades tais como a autonomia e a assertividade (...) muitas tornam-se alvos fáceis para os bullies. (Finnegan et al., 1998 citado em Lereya, Samara & Wolke, 2013, p. 1103)

Ao mesmo tempo que não permitem que as suas crianças desenvolvam competências interpessoais e sociais, “crianças cujos pais os impedem de desenvolver a sua independência social e aptidões sociais têm maior risco de serem vitimizadas” (Baldry & Farrington, 1998, p. 240).

Segundo alguns autores, e falando especificamente nos rapazes, a superproteção perpetrada pelas suas mães é também um fator de risco para se tornarem vítimas de bullying, “Olweus (1991) encontrou uma associação entre as vítimas masculinas (dominação dos pares) e a superproteção maternal (um excessivo comportamento controlador)” (citado em Baldry & Farrington, 1998, p. 240). Em suma, é importante que os pais estabeleçam relações de proximidade e de apoio para com os seus filhos, não descurando a supervisão mas sem nunca serem demasiado intrusivos ou superprotetores. De facto, muitos estudos trazem à luz a importância da supervisão parental na idade da infância e da adolescência sendo que, segundo Fosco et al. (2012, p. 210), “A supervisão parental permanece um preditor significativo no decréscimo da conduta antissocial dos jovens (... )” ao passo que simultaneamente, permite

consolidar laços entre pais e filhos, “A relação entre os jovens e os seus pais foi avaliada de acordo com o apoio e orientação dos pais, na confiança dos seus conselhos e pelo sentimento de contacto com eles”.

Enquanto um dos principais agentes da mudança no combate ao bullying, os pais devem ter um papel ativo e atento pois isso pode ser um dos primeiros passos para a identificação do problema e levar à delineação de uma possível estratégia de apoio às vítimas de bullying, sendo igualmente benéfico para promover relações positivas entre os pares.

### 1.3. A influência das práticas parentais para a revelação da vitimização

A maioria das crianças e jovens que experienciam a vitimização por parte dos seus pares sofrem em silêncio, escondendo as situações de que são vítimas. Muitos são os fatores que influenciam este segredo, principalmente o medo de represálias por parte do agressor, especialmente se for conhecido da vítima, e/ou a impunidade a que este pode estar sujeito por parte das autoridades escolares após a queixa da vítima, “Uma grande proporção de alunos acreditam que as autoridades escolares fazem pouco para intervir quando o bullying ocorre (...) as vítimas podem também temer a retaliação, particularmente se acreditarem que as autoridades escolares são ineficazes na resposta ao seu problema (...) e se o perpetrador é alguém que conhecem” (Unnever & Cornell, 2004, p. 375).

A idade das vítimas é também influenciadora no relato destas situações, sendo que as crianças mais novas têm mais facilidade em contar aos pais ou professores, também por serem mais dependentes, ao passo que os mais velhos têm mais relutância em fazê-lo muitas vezes decorrente do sentimento de autonomia e independência que anseiam conquistar, por parte dos pais, e também pelo receio de perda do estatuto social que têm no grupo de pares, “Os alunos mais velhos podem ter menos vontade em procurar ajuda junto dos adultos por causa da sua grande preocupação com o status e aceitação perante os pares, o que pode ser prejudicial se eles compreenderem a procura de ajuda junto dos adultos como não sendo capazes de lidar com os seus problemas sozinhos” (Smith et. al, 2001 citado em Unnever & Cornell, 2004, p. 376).

Apesar da influência destes fatores, também as práticas parentais parecem ter igual interferência no relato de situações de violência em contexto escolar. O facto de os pais exercerem uma parentalidade mais coerciva, baseada na violência ou agressividade pode ser condicionante para uma criança vítima de bullying não revelar aquilo que acontece na escola, segundo alguns autores, como Unnever e Cornell (2004), explicam que as crianças que têm pais que utilizam formas mais agressivas para lidar com elas, que as ameaçam e que demonstram comportamentos de raiva fazem com que os seus próprios filhos se sintam ameaçados e com medo dos pais, “... a parentalidade coerciva mina os sentimentos das crianças de se sentirem amadas e respeitadas, e isso cria um esquema familiar-relacional onde as vítimas temem os seus pais (Moreover, Perry et al., 2001 citado em Unnever & Cornell, 2004, p. 375). Esta falta de apoio por parte dos pais e o recurso a práticas parentais coercivas faz com que as crianças

tenham vergonha em dizer que são alvo de agressões por parte de outros colegas, esta conclusão é evidenciada no estudo de Unnever e Cornell (2004, p. 384) quando estes afirmam que “... as vítimas têm menos vontade em revelar que são vítimas de bullying se os seus pais usarem técnicas mais coercivas”.

Por outro lado as crianças filhas de pais mais compreensivos e atentos têm mais facilidade em revelar as situações de bullying de que são vítimas até porque “... os seus pais terão maior probabilidade de os inquirir acerca das experiências dos seus filhos porque as crianças estarão mais confortáveis em partilhar as suas preocupações com os adultos” (Unnever & Cornell, 2004, p. 375). O exercício de uma parentalidade positiva é extremamente benéfica para o desenvolvimento saudável das crianças mas também porque permite às crianças adquirir ferramentas indispensáveis que as ajudarão ao nível socioemocional, uma vez que “... o estabelecimento de laços seguros com os principais cuidadores promove o desenvolvimento de características como a autoestima ou a regulação emocional” (Gallarin & Alonso-Arbiol, 2012, p. 1602).

A forma como os pais e/ou outros adultos percecionam o bullying e muitas vezes o facto de desvalorizarem estes comportamentos, também influencia a vontade de uma criança revelar a vitimização da qual sofre, de acordo com Sawyer, Mishna, Pepler e Wiener (2011, p. 1799) “se uma criança percebe um incidente como sendo bullying e um adulto não, a criança pode vir a ser mais tarde prejudicada pela falta de resposta, que pode resultar de um maior cuidado ou relutância em revelar futuras situações de bullying”.

O clima escolar e o tipo de bullying também influenciam o relato das vítimas de bullying, ou seja, no caso de a escola ter uma política que condena e demonstra tolerância zero face a situações de violência em contexto escolar, os alunos sentem-se mais protegidos e, conseqüentemente, existe uma maior probabilidade em contar o sucedido, “uma cultura de apoio aos alunos garante a sua segurança, estimula o diálogo e as relações positivas e aumenta o sentimento de risco de bullying. As perceções dos alunos e a sensação de segurança estão associadas à diminuição das situações de bullying” (Almeida, 2014, p. 9). Portanto as crianças devem sempre ser escutadas quando revelam algum episódio de vitimização de bullying até porque quando os pais ou adultos (professores, funcionários) não o fazem, as crianças sentem-se mais relutantes em revelar por considerarem que os seus relatos são desvalorizados, “Se as crianças não forem escutadas e validadas quando revelam vitimização de bullying, elas podem

parar de contar aos seus pais ou a outros adultos acerca da vitimização de que sofrem” (Sawyer, et al., 2011, p. 1799).

O tipo de bullying e a cronicidade são factores que influenciam este relato. Normalmente, as vítimas de bullying físico são aqueles que mais facilmente contam a um adulto e as crianças que são vítimas destes comportamentos também o fazem, especialmente se forem raparigas e se compreenderem que a escola não tolera situações de violência entre alunos. O mesmo acontece com as vítimas que experienciam o bullying durante muito tempo, o facto de a vitimização ocorrer durante um longo período de tempo faz com que haja uma maior probabilidade de as vítimas contarem a um adulto, isto é, “evidentemente os alunos não têm vontade em relatar um ou dois episódios de bullying, mas eventualmente procuram ajuda quando o bullying é crónico ou mais difuso” (Unnever & Cornell, 2004, p. 384).

Em suma podemos concluir que as práticas parentais influenciam o relato de situações de vitimização de bullying, isto é, os pais que praticam uma parentalidade mais positiva têm crianças que se sentem mais dispostas em revelar, ao passo que os pais que exercem uma parentalidade menos positiva fazem com que os seus filhos tenham menos predisposição para contar que são vítimas de bullying.

#### 1.4.Práticas parentais e o envolvimento nas atividades e tarefas escolares

O envolvimento dos pais nas tarefas e atividades escolares dos filhos são fatores que influenciam positivamente os comportamentos negativos, especialmente o bullying. Pais que se mostram mais envolvidos no percurso escolar dos filhos estão mais atentos e mais informados sobre o que se passa com os seus filhos no contexto escolar. Na perspetiva de alguns autores como Bryan e Nelson (1994, p.488) “o trabalho de casa é visto como uma forma de incluir os pais na educação dos seus filhos. Isto permite aos pais verem os trabalhos que os seus filhos fazem, o que aumenta a sua apreciação e apoio dos seus filhos. (...) Em geral, muito investigadores descobriram que existe uma relação positiva entre os trabalhos de casa e a realização, entre o envolvimento dos pais nos trabalhos de casa e as atitudes dos alunos face à escola”.

O facto de os pais apoiarem os seus filhos em tarefas da escola, como os trabalhos de casa demonstra que os pais se preocupam com o futuro do seus filhos e que estão atentos às suas necessidades, e permite supervisionar mais os seus comportamentos, o que pode ser muito importante para a diminuição de comportamentos negativos.

De acordo com alguns autores, o envolvimento parental nas atividades e tarefas escolares é uma importante medida que promove um bom rendimento académico das crianças, para Roopnarine, Krishnakumar, Metindogan e Evans (2006, p. 239), o envolvimento parental nas atividades escolares pode ser definido como:

(...) o envolvimento parental nas atividades académicas foi conceptualizado como um construto multidimensional composto pelas interações parentais na aprendizagem em casa, das atividades das crianças (e.g. supervisão dos trabalhos de casa, praticar o que foi aprendido na escola em casa, etc.) e o contacto com a escola iniciado pelos pais (e.g. voluntariar-se na escola, comparecer nas reuniões entre pais e professores e monitorizar as atividades escolares)”

Quando os pais se envolvem nas atividades escolares dos seus filhos, supervisionando os seus trabalhos de casa e apoiando-nos em determinadas tarefas estabelecem um vínculo e conseguem contribuir, a vários níveis, para o sucesso dos alunos ao longo do percurso escolar. Segundo Areepattamanni (2010, p. 283), “as expectativas dos pais para o futuro educacional

dos seus filhos e as suas crenças acerca da importância de ter boas notas e prosseguir os estudos além do nível do secundário, são antecedentes importantes no desempenho escolar das crianças”.

Porém, a forma como se define e o que engloba o envolvimento parental gera polémica e falta de consenso entre educadores e pais. Alguns autores afirmam que “enquanto os educadores definem o envolvimento parental como estando envolvido no processo educativo, ajudando na escola e fora da escola, com os trabalhos de casa (...) os pais vêem o envolvimento parental como uma forma de deixar as crianças na escola a horas e resolver em casa questões que estejam relacionadas com os seus filhos” (Young, Austin & Gowe, 2013, 291).

Além de contribuir para o bom aproveitamento dos alunos no percurso escolar, o envolvimento dos pais com a escola é igualmente importante no sentido da prevenção de comportamentos de bullying entre pares. Segundo Almeida (2014, p. 14) “(...) o envolvimento dos pais, incluindo o interesse pelos progressos escolares dos filhos, está também relacionado com menos comportamentos de bullying dos adolescentes”, uma vez que este envolvimento dos pais no percurso académico dos filhos oferece maior segurança e apoio às crianças, bem como permite que as crianças percecionem o seu nível de competência e autonomia (Young et al., 2013).

Assim, podemos hipotetizar que a ajuda dos pais nos trabalhos de casa constituiu uma forma de supervisão e que se baseia numa parentalidade mais positiva.

Porém, alguns pais não participam da mesma forma no percurso escolar dos seus filhos, muitas vezes por questões relacionadas com os backgrounds de onde são provenientes, a cultura que têm e a própria educação que receberam. Deste modo é crucial compreender que, “(...) o que constitui o envolvimento parental nas atividades académicas e os níveis de envolvimento na escola variam segundo a etnicidade, o background socioeconómico, a educação dos pais, a estrutura familiar, as características e práticas da escola, práticas dos professores e a idade das crianças”(Roopnarine et al., 2006, p. 239). Também as perspetivas dos pais face à transição dos alunos para outros níveis escolares influenciam o facto de as crianças serem ou não apoiadas pelos pais nos trabalhos de casa, até porque muitos pais consideram que as crianças mais novas são as que mais necessitam de ajuda nos trabalhos de casa ao passo que os mais velhos devem fazê-los sozinhos no sentido de desenvolverem uma maior responsabilidade.



Em suma, podemos concluir que o envolvimento parental no percurso escolar dos filhos é muito importante para garantir o sucesso e um desempenho académico positivo, aumentando a autoestima e melhorando em geral o comportamento dos alunos e em particular os comportamentos de bullying.

## 1.5. Bullying, cultura e diversidade de género

Para além das variáveis relacionadas com o envolvimento parental e as práticas parentais é igualmente oportuno explorar a dimensão sociocultural, quando analisamos o fenómeno do bullying.

Atualmente vivemos num mundo altamente globalizado onde existe uma enorme diversidade cultural enraizada em muitos países. Questões económicas, políticas ou situações de guerra fazem com que muitas pessoas abandonem os seus países de origem para se fixarem noutros e aí construam as suas vidas. Com este fenómeno cada vez mais crescente da emigração, as escolas vão reunindo crianças de diferentes backgrounds culturais e étnicos.

Contudo apesar de esta situação poder ser vista como uma oportunidade, no sentido em que permite que as crianças tenham contacto com outras realidades e conheçam novos hábitos e rituais culturais, pode também constituir um fator de risco para aqueles que pertencem a minorias étnicas, pois facilmente se podem tornar em alvos preferenciais para os bullies ou, por outro lado, para se tornarem possíveis agressores.

O bullying é um ato que se caracteriza essencialmente por um comportamento agressivo perpetrado por um, ou mais indivíduos, para com outro e nele está inerente uma relação de poder desequilibrada e explícita entre vítima e agressor, tal como já foi referido anteriormente, em que o desequilíbrio de poder entre vítima e agressor é notória, sendo que este desequilíbrio de poder pode ser explicado por fatores relacionados com questões de etnia, género e características sociais, pelo que é imprescindível compreender que “nesta conceção é ainda sublinhado que as dimensões de poder e identidade nas suas múltiplas variantes, género, etnia e classe social são mecanismos que reforçam a assimetria do poder e que legitimam a vitimização entre pares” (Almeida & Carrera, 2014, p.4).

Assim, a cultura e etnicidade podem ser vistos como fatores que podem escalar esta assimetria de poder entre vítimas e agressores, garantindo um status destes indivíduos no contexto escolar, especialmente nas maiorias étnicas, “(...) a etnicidade pode funcionar como uma característica do status e pode levar a um desequilíbrio de poder, especialmente entre os membros de minorias étnicas, por um lado, e de maiorias étnicas, por outro” (Vervoot&Scholte, 2008, p.1-2). Deste modo, podemos afirmar que a etnia também tem um papel importante na vitimização entre pares e no bullying, “desde que é conhecido, o desequilíbrio de poder é um

pré-requisito do bullying entre pares (...) a etnicidade pode desempenhar um papel importante no bullying entre pares e na vitimização” (Vervoot & Scholte, 2008, p. 1-2).

Nos grupos étnicos majoritários existe uma menor prevalência de os seus membros serem discriminados, dentro do grupo, por via da sua etnia, existe uma menor probabilidade de serem discriminados por os outros pares, em geral. Por outro lado aqueles que pertencem a minorias têm uma maior vulnerabilidade face à vitimização com base na discriminação (Shumann, Craig & Rosu, 2013).

Perante isto, os membros de grupos étnicos majoritários tendem a vitimizar aqueles que pertencem a grupos minoritários no sentido de conseguirem manter o domínio social,

“Grupos majoritários de adolescentes em turmas com maior proporção de minorias étnicas podem não só relatar mais atitudes negativas relativamente a minorias étnicas, mas eles podem também executar mais comportamentos de bullying no sentido de diminuir a ameaça social ou adquirir dominância social”. (Hawley et al., 2002 citado em Vervoot& Scholte, 2008, p.2)

No que concerne às questões de género e à sua relação com os comportamentos de bullying, muitos são os estudos que analisam a correlação entre estas duas variáveis. As questões são igualmente importantes para a compreensão do fenómeno do bullying, não basta apenas analisar o bullying através de uma perspetiva baseada no modelo sócio-ecológico, é crucial ter em consideração as normas, as crenças e expectativas que as crianças e adolescentes desenvolvem durante o seu processo de socialização (Carrera, Fernández, Castro & Medina, 2013).

A literatura sobre o tema do bullying tem vindo a demonstrar que existem certos tipos de bullying que, preferencialmente, são perpetrados por rapazes e raparigas. O bullying de tipo físico, que inclui agressões físicas e verbais, é o mais usado pelos rapazes ao passo que o bullying de tipo indireto, executado através de divulgação de rumores sobre uma determinada pessoa ou pela exclusão dos pares em atividades de grupo, é mais recorrente nas raparigas, “os rapazes estão mais frequentemente envolvidos em incidentes de abuso diretos, verbais e físicos, do que as raparigas que estão mais significativamente envolvidas agressões de tipo relacional e social, do que os rapazes” (Carrera et al., 2013, p. 2917). Isto revela uma clara diferença de género que influencia, igualmente, os comportamentos de bullying.

Os padrões de gênero tradicionalmente e socialmente construídos e a forma como são percebidos por rapazes e raparigas podem influenciar comportamentos de bullying entre pares devido à intolerância face à diversidade de gênero. Almeida e Carrera (2014, p. 8), explicam que “(...) as atitudes sexistas e atitudes de tolerância para com a diversidade sexual, (...) têm-se revelado também soluções-chave para a compreensão e prevenção das problemáticas”.

A homofobia é um dos exemplos que está na base de alguns comportamentos de bullying, entre os rapazes, que tendem a demonstrar mais comportamentos homofóbicos em comparação com as raparigas, muitas vezes influenciados pelos padrões normativos de gênero, o que faz com que reajam de forma mais agressiva para com aqueles que são homossexuais. Estes comportamentos homofóbicos são muitas vezes perpetrados de forma a permitir aos rapazes manter a sua posição social e a exacerbar a sua masculinidade e heterossexualidade, “entre os rapazes, em adição à sua conexão com a agressão, o discurso homofóbico pode ser usado para afirmar a heterossexualidade e reforçar os comportamentos de gênero normativos” (Poteat & Rivers, 2010, p. 167). Curiosamente alguns estudos apontam para uma maior intolerância dos rapazes face à homossexualidade quando comparados com as raparigas, “(...) em comparação com os pares femininos, os rapazes têm mais atitudes negativas perante gays e lésbicas” (Hoover & Fishbein, 1999 citado em Collier, Bos & Sandfort, 2012, p. 906).

Deste modo, podemos concluir que a diversidade de gênero e os padrões de gênero que estão estabelecidos na sociedade são importantes preditores que podem ajudar a explicar alguns comportamentos de bullying entre os pares.

Posteriormente, iremos abordar estes aspetos e compreender de que forma os participantes do estudo se posicionam relativamente a estas questões.

## 1.6. Conclusões

Em suma, podemos concluir, através da análise da literatura sobre o tema, que o bullying é um problema que traz consequências graves quer para quem o experiencia quer para quem o exerce e que existem muitos fatores associados a comportamentos de bullying, entre elas variáveis familiares, assim como variáveis socioculturais em relação às identidades normativas e não normativas, alguns dos quais podem ser tidos em linha de conta como sendo fatores de proteção para diminuir a suscetibilidade de uma criança ser vítima de bullying, por outro lado existem outros fatores, de risco, que aumentam a probabilidade de uma criança vir a ser um bullie.

Destes fatores, demos especial enfoque às práticas parentais que são extremamente importantes para a compreensão deste fenómeno. Os pais são um elemento chave pois a forma como exercem a sua parentalidade pode ajudar na forma como os seus filhos lidam com determinadas situações de bullying e de como se comportam. “O funcionamento da família e os comportamentos de bullying e cyberbullying estão correlacionados” (Almeida, 2014, p. 14), efetivamente, práticas parentais mais agressivas e/ou coercivas fazem com que as crianças desenvolvam comportamentos agressivos para com os pares, ao invés, práticas parentais baseadas na supervisão e no apoio prestado aos filhos diminui as probabilidades de as crianças desenvolverem comportamentos desviantes e diminui a vulnerabilidade face à vitimização.

Contudo é imprescindível compreender que o excesso de proteção e envolvimento nas decisões dos filhos é igualmente prejudicial pois impede as crianças de desenvolverem aptidões sociais e de autonomia.

Para tal os pais devem mostrar-se apoiantes dos seus filhos e supervisores dos seus comportamentos mas sem serem demasiado intrusivos sob risco de prejudicarem o normal desenvolvimento social dos mesmos e perante a possibilidade de os seus filhos relatarem que são vítimas de bullying, não desvalorizar estes relatos e tentar compreender o que se passa.

A problemática do bullying deve também ser refletida e analisada tendo em conta outros eixos, nomeadamente as variáveis socioculturais, perspetivando qual a sua influência para o comportamento de crianças e jovens.

O objetivo deste estudo centra-se essencialmente em compreender o papel da família e das práticas parentais e da sua influência na possibilidade de uma criança vir a desenvolver comportamentos agressivos (bullying) ou, por outro lado ser vítima de bullying portanto,

“examinando o contexto das práticas parentais e as relações com a família é central compreender o porquê de alguns alunos se envolverem, no contexto dos pares, em problemas de conduta” (Fosco et al., 2012, p. 203). Esta conclusão levanta algumas questões como: será que as práticas parentais positivas poderão diminuir o risco de uma criança ser agressora? Ou será que uma criança cujo ambiente familiar não é tão positivo pode desenvolver um comportamento mais agressivo para com os seus pares? Poderá a etnia ser um fator de proteção ou de risco para a vitimização do bullying? Será que os jovens são tolerantes perante as diferentes orientações sexuais?

Tentaremos compreender se estas questões serão fundamentadas e corroboradas pelos resultados obtidos através do inquérito por questionário.

## II. PARTE PRÁTICA

### 2.1. MÉTODO

#### 2.1.1. Tipo de estudo

O presente estudo é de tipo quantitativo, com caráter correlacional, descritivo e analítico cuja finalidade é compreender as interações entre pares no contexto escolar e analisar a influência de fatores como as práticas parentais, a diversidade de gênero e etnia para o desenvolvimento de comportamentos de bullying.

#### 2.1.2. Amostra

A amostra é uma amostra acidental ou por conveniência, uma vez que as turmas foram escolhidas de forma não aleatória pela investigadora e tendo em consideração o rendimento escolar e a condição socioeconómica dos alunos. A turma de 5º ano é uma das melhores ao passo que a turma de 6º ano tem alunos com grandes dificuldades de aprendizagem e tem fraco aproveitamento académico. Nesta turma existem também alunos de etnia cigana, cerca de 5 alunos (ver tabela 3).

A amostra é composta por 41 alunos, correspondente a 100%, em que 24 alunos pertencem à turma de 5º ano (57,1%) e 18 alunos fazem parte da turma de 6º ano (42,9%), ver quadro 1. Destes 41 alunos, 11 alunos são do sexo feminino (26,2%) e 31 alunos são do sexo masculino (73,8%), ver tabela 2.

A média de idades dos alunos situa-se nos 11anos de idade, com um desvio-padrão de 1,246.

Tabela 1. Ano de escolaridade dos alunos

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Ano de Escolaridade	5º Ano	24	57,1%
	6º Ano	18	42,9%
	Total	42	100%

Tabela 2. Gênero dos alunos

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Gênero dos alunos	Rapariga	11	26,2%
	Rapaz	31	73,8%
	Total	42	100%

### 2.1.3. Instrumentos

O instrumento utilizado para recolha de dados junto dos alunos de 5º e 6º ano foi o inquérito por questionário, que tem como finalidade compreender as interações entre pares no seio da escola, procurando saber o que pensam os alunos sobre determinados assuntos, nomeadamente a opinião que têm sobre questões culturais bem como questões relacionadas com a homossexualidade e especificamente pretende avaliar e compreender o comportamento interpessoal dos alunos no contexto escolar.

Este inquérito por questionário é composto por quatro partes distintas, a primeira aborda questões relacionadas com as características sociodemográficas dos alunos e dos pais, a segunda parte refere-se à vida escolar dos alunos, em que constam três questões, designadamente, *“Gostas do recreio?”*, cuja escala de medida é: *“Não gosto nada”*; *“Não Gosto”*; *“Nem gosto nem desgosto”*; *“Gosto”* e *“Gosto muito”*, a segunda questão é *“Quantos amigos/as tens na tua turma?”*, cuja escala de medida é: *“Não tenho nenhum/a”*; *“Tenho um/a”*; *“Tenho dois/duas”* e *“Tenho muitos/as”*, a última questão é: *“Quantas vezes já te aconteceu não ter colegas para brincar e passar o recreio sozinho/a?”*, a escala de medida é: *“Nunca me aconteceu”*; *“Já me aconteceu uma ou duas vezes”*; *“Já me aconteceu várias vezes”*; *“Acontece-me uma vez por semana”*; *“Acontece-me várias vezes por semana”*.

A segunda parte diz respeito aos estudos dos alunos, sendo a finalidade compreender se os alunos são apoiados nas suas tarefas escolares diárias, para tal elencamos as seguintes perguntas: *“Normalmente alguém da tua casa te pergunta se tens trabalhos de casa para fazer?”*, com hipótese de resposta *“Sim”* (complementando com *Se sim, quem te pergunta?*) ou *“Não”*; *“Tens algum sítio onde possas estudar acompanhado?”*, com a mesma escala de medida da pergunta anterior; *“Quando precisas de ajuda para fazer os trabalhos de casa a quem pedes?”*, cujas hipóteses de resposta são: *“Pai”*; *“Mãe”*; *“Irmão/ã”*; *“Tio/a”*; *“Avô/ó”*; *“Colega”*; *“Outro”*; *“Não peço ajuda”*; *“Os teus pais sabem quando tens testes para fazer?”*, com opções



de resposta “Sim” ou “Não” e “Os teus pais sabem as tuas notas?”, com a mesma escala de medida.

A terceira parte do inquérito pretende avaliar a relação dos alunos com os seus pais, e tentar perceber como os pais exercem a sua parentalidade para com os filhos. Deste modo colocamos as seguintes questões: “Os teus pais deixam-te fazer tudo aquilo que tu queres?”, “Os teus pais costumam conversar contigo?”, “Se tivesses algum problema pedias ajuda aos teus pais?”, para estas três questões as hipóteses de resposta eram iguais, “Sim” e “Não”, outras questões abordadas foram as seguintes: “Quando não fazes aquilo que os teus pais te dizem, o que acontece?”, “Quando tiras más notas, e contas aos teus pais, o que acontece?”, ambas as questões têm a mesma escala de medida que é: “Desculpam-te”, “Põem-te de castigo”, “Mostram que não estão satisfeitos contigo”, “Ameaçam-te”, a última pergunta é “Quando tomas a iniciativa de contar um sarilho em que estás metido/a, como esperas que os teus pais reajam?”, para responder à questão os alunos dispõem da seguinte escala, cujas possibilidades de resposta são “Desculpam-te”, “Ajudam-te a resolvê-lo”, “Põem-te de castigo”, “Mostram que não estão satisfeitos contigo”, “Ameaçam-te” e “Nunca conto”.

O penúltimo grupo de questões do inquérito por questionário contém uma escala de comportamento interpessoal no contexto escolar, concretamente a *Escala do Comportamento Interpessoal no Contexto Escolar – ECICE*, baseada nos trabalhos de Björkvist & Österman (1998); Sharp, Arora, Smith & Whitney (1994) e Martins (2006). Que pretende avaliar o comportamento interpessoal dos alunos em contexto escolar, isto é, trata-se de uma escala em que constam questões relacionadas com situações de bullying e em que é pedido aos alunos que respondam consoante situações que já lhes tenham acontecido ou que tenham presenciado. Os alunos têm os seguintes itens de resposta: 1-“Discordo totalmente”, 2-“Discordo muitas vezes”, 3-“Discordo poucas vezes”, 4-“Concordo poucas vezes”, 5-“Concordo muitas vezes” e 6-“Concordo totalmente”. Esta escala é formada por 21 itens.

O último grupo de questões presente no inquérito relaciona-se com uma escala de homofobia. O objetivo da aplicação desta escala, que inclui perguntas sobre a homossexualidade feminina e masculina, é perceber qual a abertura e a tolerância dos alunos face a situações de homossexualidade. Concretamente apenas foram utilizados dois itens adaptados da escala original *Avaliação de atitudes entre lésbicas e gays: A escala de homofobia moderna* de Raja & Stokes (1998), relativos à subescala de mal-estar pessoal. Para além destas questões também fazem parte desta tabela perguntas respeitantes às suas atitudes face a grupos minoritários.

Esta tabela é constituída por 34 itens cuja escala de medida é: 1-“Discordo totalmente”; 2-“Discordo muitas vezes”; 3- “Discordo poucas vezes”; 4-“Concordo poucas vezes”; 5-“Concordo muitas vezes” e 6-“Concordo totalmente”.

O inquérito é totalmente confidencial e anónimo e foi recebida uma autorização da direção da escola e dos professores para aplicar os inquéritos aos alunos.

#### **2.1.4. Procedimento**

O presente inquérito foi aplicado no final do ano letivo de 2013/2014, nos dias 2 e 5 de Junho, e distribuído pelas duas turmas de 5º e 6º ano, de uma escola básica do concelho de Braga. O questionário foi entregue a ambas as docentes, e as crianças deram o seu consentimento para o fazerem. Na turma de 5º ano a investigadora entregou os inquéritos que, posteriormente, foram distribuídos pela professora, na turma de 6º ano, e tendo em conta as especificidades dos alunos, a professora considerou melhor ler e explicar as questões, uma por uma, no sentido de os alunos compreenderem exatamente aquilo que era pedido em cada uma delas. Neste caso a investigadora também esteve presente e auxiliou este procedimento.

#### **2.1.5. Análise de dados**

A análise dos dados recolhidos centrou-se essencialmente na avaliação das frequências e cruzamentos de variáveis, recorrendo à utilização do software *IBM SPSS Statistics 20*. Uma vez que o tamanho da amostra não é muito significativo, o teste de hipóteses não foi implementado pelo facto de os resultados serem poucos relevantes.

## 2.2. RESULTADOS

Após designar os procedimentos e de definir as características da amostra passaremos agora para a análise dos resultados obtidos. Começaremos por apresentar as **características sociodemográficas dos alunos**, presentes na tabela 3.

**Tabela 3. Características sociodemográficas dos alunos**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Naturalidade dos alunos	Portugal	37	97,4%
	Países da América Latina	1	2,6%
Como te consideras enquanto cidadão	Cigano/a	5	12,2%
	Português/a	35	85,4%
	Europeu	1	2,4%
Total		42	100%

A partir da análise deste quadro respetivo às características sociodemográficas dos alunos, podemos concluir que de um total de 100% da amostra, 97,4% dos alunos são de nacionalidade portuguesa e apenas 2,6% são provenientes de países da América Latina, designadamente do Brasil.

Relativamente ao facto de como os alunos se veem enquanto cidadãos do mundo, quando questionados, 85,4% consideram-se cidadãos portugueses, 12,2% consideram-se ciganos e apenas 2,4% da amostra se considera europeu<sup>1</sup>. Com a análise destes dados podemos constatar que a maioria dos alunos, representativos desta amostra, são maioritariamente portugueses, segundo as suas respostas, e temos ainda uma percentagem substantiva de alunos que se consideram como sendo pertencentes à etnia cigana.

Para conseguirmos ter uma visão mais clara relativamente a esta questão, em seguida apresentamos o cruzamento de duas variáveis, o *ano de escolaridade* e a variável relativa à questão de como os alunos *se consideram enquanto cidadãos* no sentido de sabermos exatamente como as turmas se dividem e em que turmas estão inseridos os alunos que se intitulam de ciganos, ver tabela 4.

---

<sup>1</sup>De salientar que as opções de escolha para esta questão eram: africano/a; asiático/a; sul-americano/a; cigano/a; português/a; europeu.

Tabela 4. Cruzamento das variáveis “Ano de escolaridade” e “Como te consideras enquanto cidadão”

			Como te consideras enquanto cidadão			Total
			Cigano/a	Português/a	Europeu	
Ano de Escolaridade	5º Ano	N	—	23	—	23
		%	—	65,7%	—	56,1%
	6º Ano	N	5	12	1	18
		%	100%	34,3%	100%	43,9%
Total	N	5	35	1	41	
	%	100%	100%	100%	100%	

Com a observação deste quadro podemos constatar que na turma de 5º ano, a totalidade dos alunos (100%) se considera português ao passo que na turma de 6º ano, 27,8% dos alunos respondeu que se considera cigano, 65,7% considera-se português e apenas 5,6% se considera um cidadão europeu. Estes dados corroboram a constituição das turmas como havia sido explicado anteriormente.

Após a análise das características sociodemográficas dos alunos é igualmente importante, e imprescindível, analisar as características sociodemográficas dos pais destes alunos. Efetivamente este estudo centra-se em perceber se o facto de os alunos serem provenientes de determinados contextos e estarem sujeitos a certas práticas parentais mais ou menos positivas pode ter influência, negativa ou positiva, para o seu relacionamento com os seus pares, esperando compreender se contextos mais vulneráveis e práticas parentais menos saudáveis podem fazer com que uma criança seja mais passiva a ser agressor ou vítima, numa situação de bullying.

Em seguida, na tabela 5, exemplificaremos as características sociodemográficas dos pais, em que se incluem, o nível de escolaridade, a profissão e a situação face ao emprego.

Tabela 5. Características sociodemográficas dos pais

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Nível de escolaridade do pai	Sem estudos	5	12,5%
	1º Ciclo do ensino básico	17	42,5%
	2º Ciclo do ensino básico	8	20%
	3º Ciclo do ensino básico	5	12,5%
	Secundário	4	10%
	Formação universitária	1	2,5%
Nível de escolaridade da mãe	Sem estudos	4	11,1%
	1º Ciclo do ensino básico	13	36,1%
	2º Ciclo do ensino básico	11	30,6%
	3º Ciclo do ensino básico	3	8,3%
	Secundário	3	8,3%

	Formação universitária	2	5,6%
Total		42	100%

Como podemos constatar através da observação do quadro 6, concluímos que a maioria dos pais destes alunos (42,5 %) concluiu o 1º ciclo do ensino básico, nos restantes 42,5% estão os pais que têm o 2º e 3º ciclo do ensino básico, 20% e 12,5% respetivamente, e os que concluíram o secundário (8,3%). Apenas uma pequena percentagem de 2,5% dos pais possui formação universitária. A percentagem de pais que não tem estudos é de 12,5%, o que é preocupante se compararmos com os restantes dados que indicam que, por exemplo, os mesmos 12,5% são de pais que concluíram o 3º ciclo do ensino básico.

Comparando o grau de escolaridade das mães e dos pais assistimos à mesma regra, isto é, a maioria das mães concluiu apenas o 1º ciclo do ensino básico (36,1%), seguindo-se de 30,6% das mães com o 2º ciclo do ensino básico, a percentagem de mães que concluiu o 3º ciclo do ensino básico é igual à percentagem que concluiu o ensino secundário, cerca de 8,3%. As mães que frequentaram o ensino superior são apenas 5,6% da amostra.

No que concerne à falta de estudos, as mães detêm uma percentagem menor mas não muito afastada da dos pais, sendo de 11,1% para as mães e de 12,5% para os pais.

Após analisarmos o grau de escolaridade dos pais e das mães é importante agora perceber quais as profissões que estes exercem e perceber qual a sua situação relativamente ao emprego. Para isso seguidamente, apresentamos a tabela 6 em que constam estes dados.

**Tabela 6. Situação do pai e da mãe face ao emprego**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Situação do pai face ao emprego	Desempregado/a	10	27%
	No desemprego, mas com trabalho ocasional	7	18,9%
	Trabalhador/a por conta própria	6	16,2%
	Trabalhador/a por conta de outrem	13	35,1%
	Reformado/a	1	2,7%
	Total	37	100%
Situação da mãe face ao emprego	Desempregado/a	17	50%
	No desemprego, mas com trabalho ocasional	4	11,8%
	Trabalhador/a por conta própria	5	14,7%
	Trabalhador/a por conta de outrem	8	23,5%
	Total	34	100%
<b>Total</b>		<b>42</b>	

Relativamente à análise da situação laboral dos pais, podemos concluir, decorrente da observação deste quadro, que 35,1% dos pais trabalha por conta de outrem, 16,2% trabalham por conta própria, 18,9% estão desempregados mas com trabalho ocasional, 2,7% estão reformados e 27% da totalidade da amostra encontra-se em situação de desemprego.

No que respeita à situação do emprego das mães, metade da amostra encontra-se desempregada e a restante metade divide-se em trabalhadoras por conta própria (14,7%), trabalhadoras por conta de outrem (23,5%) e algumas das quais desempregadas mas com trabalho ocasional (11,8%).

Em suma podemos concluir que, relativamente às características sociodemográficas dos pais, temos uma amostra coesa, no que concerne ao grau de escolaridade, sendo que a maioria dos pais (42,5%) concluiu o 1º ciclo do ensino básico em semelhança com o que acontece com as mães cujo grau académico que a maioria tem é o 1º ciclo do ensino básico (36,1%). Apenas uma pequena percentagem da amostra frequentou o ensino superior, cujos valores são de 2,0% e 5,6% para pais e mães, respetivamente.

Contudo, uma larga fatia da amostra, 12,5% para os pais e 11,1% para as mães, não tem quaisquer estudos o que pode denotar uma maior dificuldade, por parte dos pais, em acompanhar e apoiar os filhos em tarefas escolares, mas mais à frente iremos fazer o paralelo entre estas duas variáveis e poderemos fazer elações mais coerentes.

Após definidas e estudadas as características sociodemográficas dos inquiridos e dos seus progenitores, procedemos à análise das questões do inquérito.

As perguntas foram devidamente classificadas por diferentes categorias no sentido de ser mais simples à compreensão e resposta por parte dos alunos. Deste modo, o inquérito divide-se em questões relacionadas com a vida escolar, os estudos, a relação com os pais e o comportamento interpessoal no contexto escolar.

Na categoria da **vida na escola**, os alunos foram questionados sobre se gostam do recreio, se têm amigos na turma e se já alguma vez ficaram sozinhos, sem ninguém com quem brincar, no recreio.

Na seguinte tabela, tabela 7, apresentamos os resultados provenientes do cruzamento dos dados das variáveis *“Gostas do recreio”* e *“Quantas vezes já te aconteceu não ter colegas para brincar e passar o recreio sozinho/a”*.

Tabela 7. Cruzamento entre as variáveis “Gostas do recreio” e “Quantas vezes já te aconteceu não ter colegas para brincar e passar o recreio sozinho/a”

		Gostas do recreio?			Total	
		Não gosto nem desgosto	Gosto	Gosto muito		
Quantos amigos tens na tua turma?	Não tenho nenhum/a	N	1	—	1	
		%	2,4%	—	2,4%	
	Tenho muitos/as	N	1	18	22	41
		%	2,4%	42,9%	52,4%	97,6%
% Total			4,8%	42,9%	52,4%	100%

Pela análise destes dados podemos constatar que a maioria dos inquiridos revela que gosta muito do recreio (52,4%), seguido de 42,9% dos inquiridos que responderam gostar do recreio. Podemos ainda observar que apenas um dos inquiridos revelou não gostar nem desgostar do recreio porém, afirmou também que não tem nenhum amigo.

Estes dados levam-nos a refletir que, neste caso, a criança que afirma que não gosta do recreio, fá-lo em consequência de não ter nenhum amigo e por isso, não ter ninguém com quem brincar o que faz com que este mesmo aluno não goste do recreio. Por outro lado, aqueles que afirmaram gostar ou gostar muito do recreio são aqueles que também afirmam que têm muitos amigos. Isto demonstra, claramente, que o facto de ter ou não amigos vai influenciar a forma como os alunos percebem e gostam ou não do recreio e, simultaneamente, pode ser indicativo de que aqueles que não têm amigos e que não gostam do recreio podem estar mais vulneráveis para serem vítimas de bullying.

Quando exploramos estas variáveis não podemos descurar a análise á variável referente a “Quantas vezes já te aconteceu não ter colegas para brincar e passar o recreio sozinho/a”. Efetivamente, ao analisarmos esta variável podemos perceber qual a frequência com que ocorre os alunos ficarem sem ninguém para brincar nos intervalos.

A seguinte tabela, tabela 8, auxilia-nos nesta tarefa.

Tabela 8. Resposta ao item “Quantas vezes já te aconteceu não ter colegas para brincar e passar o recreio sozinho/a”.

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Quantas vezes já te aconteceu não ter amigos para brincar e passar o recreio sozinho/a?	Nunca me aconteceu	31	73,8%
	Já me aconteceu uma ou duas vezes	8	19%
	Já me aconteceu várias vezes	3	7,1%
	Total	42	100%

A maioria dos alunos respondeu que nunca lhe aconteceu ficar sem amigos para brincar no recreio, 73,8%, sendo que 19% dos inquiridos afirma que já lhe aconteceu uma ou duas vezes ficar sem amigos para brincar e passar o recreio sozinho e 7,3% revela que já aconteceu várias vezes. Apesar de 7% não ser uma percentagem muito relevante não nos podemos esquecer que este inquérito passou em apenas duas turmas e, por isso mesmo já é algo representativo daquilo que se passa nos intervalos.

Outros das categorias de questões que está descrita no inquérito diz respeito aos estudos dos alunos e pretende **compreender de que forma os alunos são acompanhados em casa pelos pais**. A tabela seguinte, tabela 9, apresenta os dados referentes à questão *“Normalmente alguém da tua família, ou alguém que viva na tua casa, te pergunta se tens trabalhos de casa para fazer?”*.

**Tabela 9. Frequência de resposta ao item “Normalmente alguém da tua família, ou alguém que viva na tua casa, te pergunta se tens trabalhos de casa para fazer?”**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Normalmente, alguém da tua família, ou alguém que viva na tua casa te pergunta se tens trabalhos de casa para fazer?	Sim	41	97,6%
	Não	1	2,4%
Total		42	100%

A maioria dos alunos respondeu que em casa alguém pergunta se tem trabalhos de casa para fazer, um total de 97,6% da amostra, e apenas 2,4% afirmou que ninguém pergunta se tem trabalhos de casa para fazer.

Para sabermos quem é que pergunta pelos trabalhos a tabela 10 demonstra os dados recolhidos.

**Tabela 10. Resposta ao item “Quando precisas de ajuda para fazer os trabalhos de casa, a quem pedes?”**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Quando precisas de ajuda para fazer os trabalhos de casa, a quem pedes?	Não peço ajuda	4	9,8%
	Pai	4	9,8%
	Mãe	7	17,1%
	Pai e Mãe	7	17,1%
	Irmão/ã	13	31,7%
	Colega	2	4,9%
	Outro	4	9,8%
	Total	41	100%



Com base na análise da tabela 10, podemos concluir que 31,7% dos inquiridos respondeu que pede ajuda para os trabalhos de casa aos irmãos/ãs, o que pode ser explicado pelo facto de uma percentagem significativa de pais que não ter estudos o que nos leva a concluir que isso faz com que os alunos peçam ajuda aos irmãos que, presumimos sejam mais velhos e se encontrem num nível escolar acima.

Os restantes inquiridos afirmaram que pedem ajuda nos trabalhos de casa aos pais ou às mães, sendo que 9,8% pede ajuda ao pai e 17,1% pede ajuda à mãe, ao passo que quando pedem ajuda a ambos, simultaneamente ao pai e à mãe, as percentagens situam-se nos 17,1%. Já os que não pedem ajuda a ninguém perfazem um total de 9,8% de uma amostra de 100% e apenas uma pequena percentagem respondeu que pede ajuda aos colegas, 4,9% dos alunos.

**Tabela 11. Frequência das respostas ao item “Tens algum sítio onde possas estudar acompanhado?”**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Tens algum sítio onde possas estudar acompanhado/a?	Sim	27	64,3%
	Não	15	35,7%
	Total	42	100%

Quando questionados sobre se têm algum local onde possam estudar acompanhados, 64,3% dos alunos respondeu que sim e apenas 35,7% respondeu que não.

Após sabermos se os alunos têm algum sítio onde possam estudar acompanhados, é importante saber se os progenitores acompanham a vida escolar dos filhos, sabendo exatamente as notas dos seus filhos, estar a para das datas dos testes. Para tal passamos para as seguintes tabelas que exemplificam as respostas dos alunos a estas questões concretas.

**Tabela 12. Resposta ao item “Os teus pais sabem quando tens testes?”**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os teus pais sabem quando tens testes?	Sim	36	87,8%
	Não	5	12,2%
	Total	41	100%

Pela observação desta tabela podemos constatar que a maioria dos alunos respondeu que os pais sabem quando têm testes para fazer, somando 87,8% da totalidade da amostra,

enquanto 12,2% dos alunos assume que os pais não têm conhecimento de quando os filhos têm testes. A esta pergunta apenas um inquirido não respondeu.

**Tabela 13. Resposta ao item “Os teus pais sabem as tuas notas?”**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os teus pais sabem as tuas notas?	Sim	40	95,2%
	Não	2	4,8%
	Total	42	100%

Perante a evidência presente nesta tabela podemos afirmar que estamos perante uma situação semelhante à questão anterior pois, mais uma vez, a maioria dos alunos revela que os pais sabem as notas dos testes, sendo a percentagem de 95,2% para uma percentagem de 4,8% para os que dizem que os pais não sabem as notas dos testes.

Para percebermos exatamente quais são os alunos cujos pais não sabem as suas notas escolares, decidimos fazer um cruzamento de dados entre a resposta a este item e o ano de escolaridade dos alunos, no sentido de compreendermos se os pais que não sabem as notas dos filhos são pais de alunos do 5º ano ou do 6º ano. A seguinte tabela (tabela 14) ajuda-nos a compreender esta relação.

**Tabela 14. Cruzamento das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os teus pais sabem as tuas notas?”**

		Os teus pais sabem as tuas notas?		Total
		Sim	Não	
Ano de Escolaridade	5º Ano	N	24	24
		%	57,1%	57,1%
	6º Ano	N	16	18
		%	38,1%	42,9%
Total	N	40	42	
	% Total	95,2%	100%	

Segundo a presente tabela conseguimos identificar os dois alunos que responderam que os pais não sabem as suas notas como sendo alunos da turma de 6º ano. Isto é preocupante pois devemos ter em conta o que já foi explicitado anteriormente sobre a turma de 6º ano. Estes alunos têm um fraco rendimento escolar e têm grandes dificuldades de aprendizagem isto demonstra que o facto de alguns pais não estarem a par do percurso escolar dos filhos faz com que as suas dificuldades aumentem e que o seu rendimento escolar seja diminuto pois não têm

quem esteja atento às suas limitações e, conseqüentemente, que não os apoiem nas suas fragilidades.

Podemos também concluir que alguns pais não estão a cumprir a sua parentalidade de uma forma muito positiva e benéfica para os seus filhos. Contudo é importante perceber o que está na razão para que estes pais não saibam as notas dos seus filhos.

Iremos partir do pressuposto que são os filhos quem contam as más notas que têm e vamos relacionar a variável “Os teus pais sabem as tuas notas?” com a variável “Quando tiras más notas e contas aos teus pais, o que acontece?”, que faz parte da categoria que analisa as relações entre pais e filhos. Será que a forma como os pais reagem pode influenciar a revelação das más notas? Vejamos os resultados na tabela 15.

**Tabela 15. Cruzamento de variáveis “Os teus pais sabem as tuas notas?” e “Quando tiras más notas e contas aos teus pais, o que acontece?”**

		Quando tiras más notas, e contas aos teus pais, o que acontece?			Total	
		Desculpam-te	Põem-te de castigo	Mostram que não estão satisfeitos contigo		
Os teus pais sabem as tuas notas?	Sim	N	5	12	22	39
		%	12,2%	29,3%	53,7%	95,1%
	Não	N	1	—	1	2
		%	2,4%	—	2,4%	4,9%
Total	N	6	12	23	41	
	%Total	14,6%	29,3%	56,1%	100%	

Fazendo uma análise a esta tabela podemos constatar que não existem dados suficientes que indiquem que a reação dos pais é condição suficiente para os alunos não revelarem as notas. Se observarmos com atenção a tabela 14, verificamos que 53,7% dos alunos que afirmaram que os pais sabem as suas notas afirma também que quando revelam as más notas a forma de reação dos pais é demonstrar que não estão satisfeitos. Portanto, nesta escala de resposta vemos que o item “Mostram que não estão satisfeitos contigo”, é o 3º nível numa escala de medida de 5 itens, sendo o item mais “grave” o “Ameaçam-te”.

Deste modo, podemos concluir que a forma como os pais reagem, neste caso, não é motivo para não revelar as notas, até porque dos dois únicos alunos que responderam que os

<sup>1</sup>Para esta questão os itens de resposta eram: “Desculpam-te”; “Põem-te de castigo”; “Mostram que não estão satisfeitos contigo”; “Ameaçam-te” e “Nunca conto”.

pais não sabem as suas notas apenas um afirma que quando os pais sabem as suas más notas não se mostram satisfeitos com ele.

Outra das categorias de questões elaborada para este inquérito refere às relações entre pais e filhos. O objetivo destas questões centra-se em compreender de que forma as relações entre pais e filhos se processam e como os progenitores exercem a sua parentalidade. Aquilo que se pretende descobrir é se os pais são mais permissivos ou por outro lado mais agressivos com os seus filhos. Para tal, iremos fazer algumas relações entre determinadas questões a fim de compreendermos melhor as relações entre pais e filhos.

Tabela 16. Resposta ao item *“Os teus pais deixam-te fazer tudo aquilo que tu queres?”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os teus pais deixam-te fazer tudo aquilo que tu queres?	Sim	3	7,1%
	Não	39	92,9%
	Total	42	100%

Tabela 17. Cruzamento de variáveis *“Os teus pais deixam-te fazer tudo aquilo que tu queres?”* e *“Quando não fazes aquilo que os teus pais te dizem, o que acontece?”*

		Quando não fazes os que os teus pais dizem, o que acontece?			Total
		Desculpam-te	Põem-te de castigo	Mostram que não estão satisfeitos contigo	
Os teus pais deixam-te fazer tudo aquilo que tu queres?	Sim	N	1	—	2
		%Total	2,4%	—	4,8%
	Não	N	4	17	18
		%Total	9,5%	40,5%	42,9%
Total	N	5	17	20	
	%Total	11,9%	40,5%	47,6%	

Segundos os dados recolhidos entre ambas as variáveis, aquilo que podemos concluir é que efetivamente, a maioria dos pais destes alunos não praticam uma parentalidade baseada na permissividade aliás podemos constatar que a esmagadora maioria, 92,9% dos inquiridos respondeu que os pais não os deixam fazer tudo aquilo que querem. Quando cruzamos estes dados com a variável *“Quando não fazes aquilo que os teus pais te dizem, o que acontece?”*, no sentido de compreendermos quais as consequências que surgem quando os alunos não obedecem aos pais, podemos comprovar que 42,9% dos inquiridos que responderam que os pais não os deixam fazer tudo aquilo que eles querem revelam, também, que quando desobedecem aos pais estes não se mostram satisfeitos com esse mesmo comportamento,

sendo que 40,5% revelam que caso não façam o que está estabelecido pelos pais ficam de castigo.

Por outro lado, os alunos que indicam que os pais os deixam fazer tudo aquilo que eles querem, 7,1% do total da amostra. Destes 7,1%, 4,8% afirmam que numa situação em que desobedeçam ao que está estipulado pelos pais, estes mostram que não estão satisfeitos, enquanto apenas 2,4% dizem que os pais os desculpam.

Perante estes dados podemos afirmar que estes pais não são permissivos na prática da sua parentalidade, até porque concluímos que não deixam os seus filhos fazerem tudo o que querem mas também não utilizam estratégias agressivas para demonstrar aos filhos que as regras devem ser cumpridas. Porém ainda é necessário perceber se a par destas práticas estão também subjacentes momentos de apoio dos pais para com os filhos e é importante perceber se os filhos, perante um problema ou adversidade, contam com a ajuda dos seus progenitores.

A seguinte tabela (18) auxilia-nos a compreender esta situação, ilustrando os resultados do cruzamento das seguintes variáveis.

**Tabela 18.** Cruzamento das variáveis *“Os teus pais costumam conversar contigo?”* e *“Se tivesses algum problema pedias ajuda aos teus pais?”*

		Se tivesses algum problema pedias ajuda aos teus pais?		Total
		Sim	Não	
Os teus pais costumam conversar contigo?	Sim	N	39	42
		%	92,9%	7,1%
Total		N	39	42
		%Total	92,9%	7,1%

Ao analisarmos este quadro concluímos que a totalidade dos alunos respondeu que os pais têm por hábito conversar com eles e destes, 92,9% afirmaram que caso tenham algum problema pedem ajuda aos pais. Apenas 7,1% dos alunos revelou que não pediria ajuda aos pais caso tivesse um problema. Contudo era também necessário saber se estes alunos costumam pedir ajuda a outras pessoas para além dos pais, portanto a seguinte tabela mostra os resultados obtidos.

Tabela 19. Resposta ao item *“Quando não contas aos teus pais o teu problema, a quem contas?”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Quando não contas aos pais o teu problema a quem contas?	Ninguém	9	33,3%
	Irmão/ã	3	11,1%
	Amigo/a	9	33,3%
	Professor/a	1	3,7%
	Avô/ó	2	7,4%
	Tio/a	2	7,4%
	Primo/a	1	3,7%
	Total	27	100%
Total		42	

Quando questionados sobre a quem confidenciam se tiverem um problema, os inquiridos responderam que contam aos amigos, cerca de 33,33% da totalidade da amostra. Podemos constatar que os alunos dizem aos pais quando têm um problema mas, caso não lhes revelem contam com o apoio dos amigos, a quem contam o problema.

Se não contam aos pais, os alunos acabam por contar os seus problemas aos irmãos (11,11%), aos avós (7,4%), aos primos (3,7%) ou aos professores (3,7%).

A última parte do inquérito pretende avaliar e compreender as **interações dos alunos com os seus pares, no contexto escolar**. Para tal foi disponibilizada uma tabela com um conjunto de questões referentes a diferentes tipos de bullying (bullying físico, verbal, indireto, etc.) para os alunos responderem consoante aquilo que experienciaram durante o ano letivo e as respostas seriam dadas com base em seis itens: *Discordo totalmente*; *Discordo muitas vezes*; *Discordo poucas vezes*; *Concordo poucas vezes*; *Concordo muitas vezes* e *Concordo totalmente*.

Para compreendermos precisamente qual a frequência destes acontecimentos durante o ano letivo iremos analisar as respostas tendo em conta a categorização das questões pelos diferentes tipos de bullying. Começaremos pelo bullying indireto.

Tabela 20. Frequência das respostas sobre bullying indireto

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os meus colegas não me deixam participar nas atividades	Discordo totalmente	40	95,2%
	Discordo muitas vezes	1	2,4%
	Concordo muitas vezes	1	2,4%

Os meus colegas dizem mal de mim	Discordo totalmente	24	57,1%
	Discordo muitas vezes	7	16,7%
	Discordo poucas vezes	4	9,5%
	Concordo poucas vezes	5	11,9%
	Concordo totalmente	2	4,8%
Os meus colegas espalham boatos/mentiras sobre mim	Discordo totalmente	29	69%
	Discordo muitas vezes	3	7,1%
	Discordo poucas vezes	2	4,8%
	Concordo poucas vezes	4	9,5%
	Concordo muitas vezes	2	4,8%
	Concordo totalmente	2	4,8%
Total		42	100%

Decorrente do estudo dos dados obtidos pela frequência de respostas acerca de situações de bullying indireto, 88,1% dos alunos responde *Discordo totalmente* sobre “Os meus colegas ignoram-me, “não fazem caso de mim”. Quando questionados “Os meus colegas não me deixam participar nas atividades” 95,2% dos inquiridos responderam *Discordo totalmente*. Sobre a questão “Os meus colegas dizem mal de mim”, 57,1% dos alunos respondeu *Discordo totalmente* e sobre a questão “Os meus colegas espalham boatos/mentiras sobre mim”, 69% respondeu *Discordo totalmente*. Quando comparadas as percentagens relativas à frequência da resposta *Concordo totalmente*, ambas estão situadas no mesmo valor de 4,8%.

O que podemos resumir, decorrente da análise destes dados, é que a maioria dos alunos não experienciou bullying na forma indireta, no presente ano letivo, no entanto uma pequena minoria aponta ter vivido esta realidade. Porém é igualmente importante perceber quais os dados que respeitam aos restantes tipos de bullying.

**Tabela 21.Frequência das respostas sobre bullying verbal e físico**

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os meus colegas estragam coisas minhas	Discordo totalmente	24	58,5%
	Discordo muitas vezes	4	9,8%
	Discordo poucas vezes	4	9,8%
	Concordo poucas vezes	4	9,8%
	Concordo muitas vezes	3	7,3%
	Concordo totalmente	2	4,9%
	Total	41	100%
Os meus colegas gozam comigo	Discordo totalmente	31	73,8%
	Discordo muitas vezes	1	2,4%
	Discordo poucas vezes	5	11,9%
	Concordo poucas vezes	4	9,5%
	Concordo totalmente	1	2,4%

Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo	Discordo totalmente	34	81%
	Discordo muitas vezes	3	7,1%
	Discordo poucas vezes	2	4,8%
	Concordo poucas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	2	4,8%
Os meus colegas agridem-me fisicamente (empurram-me, batem-me...)	Discordo totalmente	33	78,6%
	Discordo muitas vezes	3	7,1%
	Discordo poucas vezes	3	7,1%
	Concordo poucas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	2	4,8%
Os meus colegas obrigam-me a fazer coisas que eu não quero	Discordo totalmente	41	97,6%
	Discordo muitas vezes	1	2,4%
	Total	42	100%

Segundo o que aconteceu na frequência de respostas anteriores, constatamos que a maioria dos alunos respondeu *Discordo totalmente* acerca das questões sobre diferentes tipos de bullying físico e verbal. Quando questionados sobre o facto de os colegas estragarem coisas suas, os inquiridos respondem, em 58,5% *Discordo totalmente*, sobre a questão “Os meus colegas gozam comigo”, 73,8% respondem *Discordo totalmente*, sobre “Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo” 81% utiliza o mesmo item de resposta assim como os que responderam à pergunta “Os meus colegas agridem-me fisicamente” e “Os meus colegas obrigam-me a fazer coisas que não quero”, acumulando uma percentagem de 78,6% e 97,6% para cada uma, respetivamente.

Apesar de o número de alunos que utilizaram o item de resposta *Concordo totalmente* ser menor do que o número de alunos que respondeu *Discordo totalmente*, não devemos desvalorizar este número pois temos de ter em consideração que este inquérito foi aplicado no final do ano letivo de 2013/2014, o que indica que, infelizmente, ainda existem alunos que não se adaptaram e que não têm amigos com quem brincar no recreio.

Após avaliarmos aquilo que os alunos experienciam nos intervalos escolares, é importante perceber como os alunos respondem sobre questões de diferentes tipos de bullying que eles próprios exercem ou não, nas horas de recreio. Vejamos a seguinte tabela (22).



Tabela 22.Frequência das respostas sobre bullying indireto exercido pelos alunos

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Ignoro outros colegas, "não faço caso deles"	Discordo totalmente	29	70,7%
	Discordo muitas vezes	1	2,4%
	Discordo poucas vezes	4	9,8%
	Concordo poucas vezes	2	4,9%
	Concordo totalmente	5	12,2%
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>	
Não deixo outros colegas participar nas atividades	Discordo totalmente	33	78,6%
	Discordo muitas vezes	1	2,4%
	Discordo poucas vezes	4	9,5%
	Concordo poucas vezes	3	7,1%
	Concordo totalmente	1	2,4%
	<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>
Digo mal de outros colegas	Discordo totalmente	33	78,6%
	Discordo muitas vezes	2	4,8%
	Discordo poucas vezes	4	9,5%
	Concordo poucas vezes	1	2,4%
	Concordo muitas vezes	2	4,8%
	<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>
Espalho boatos/mentiras sobre outros colegas	Discordo totalmente	39	92,9%
	Discordo muitas vezes	2	4,8%
	Discordo poucas vezes	1	2,4%
	<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>

A frequência de respostas para o bullying indireto que é, ou não, perpetrado pelos alunos volta a ser unânime para o item de resposta *Discordo totalmente*, mais uma vez os inquiridos afirmam que não exercem nenhum tipo de bullying indireto sobre os colegas e, mais uma vez, apenas cerca de um ou dois alunos afirma que possa ter esses comportamentos para com os seus pares, se observarmos a tabela anterior.

Após fazermos a análise da frequência das respostas é necessário saber quais os alunos que estão mais suscetíveis de serem alvos de determinados tipos de bullying. Tentaremos compreender se são os rapazes ou as raparigas a sofrer mais com o desprezo dos colegas e com o facto de serem alvo de rumores ou mentiras.

Tabela 23. Cruzamento de variáveis “Gênero dos alunos” com “Os meus colegas não fazem caso de mim” e “Os meus colegas espalham boatos/rumores sobre mim”

		Os meus colegas ignoram-me, "não fazem caso de mim"					Total	
		Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo totalmente			
Gênero dos alunos	Rapariga	N	11	—	—	—	11	
		%	26,2%	—	—	—	26,2%	
	Rapaz	N	26	2	2	1	31	
		%	61,9%	4,8%	4,8%	2,4%	73,8%	
Total	N	37	2	2	1	42		
	%	88,1%	4,8%	4,8%	2,4%	100%		
		Os meus colegas espalham boatos/mentiras sobre mim					Total	
		Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo poucas vezes	Concordo muitas vezes		Concordo totalmente
Gênero dos alunos	Rapariga	N	9	1	—	1	—	11
		%	21,4%	2,4%	—	2,4%	—	26,2%
	Rapaz	N	20	2	2	3	2	31
		%	47,6%	4,8%	4,8%	7,1%	4,8%	4,8%
Total	N	29	3	2	4	2	42	
	%	69%	7,1%	4,8%	9,5%	4,8%	4,8%	100%

Pela análise da seguinte tabela podemos constatar uma realidade um pouco diferente daquilo que a literatura tem vindo a demonstrar. Quando analisadas as frequências de respostas às questões “Os meus colegas não fazem caso de mim”, 61,9% dos rapazes e 26,2% das raparigas responderam *Discordo completamente*. Para a questão “Os meus colegas espalham boatos/rumores sobre mim”, 47,6% dos rapazes e 21,4% das raparigas responderam *Discordo completamente*.

Relativamente a ambas as questões, todas as raparigas inquiridas não utilizaram o critério de resposta *Concordo totalmente*, o que contraria muito daquilo que o estado da arte nos revela relativamente ao bullying indireto, cujos autores é um tipo de bullying preferencialmente eleito pelas raparigas porém, segundo os dados presentes nesta investigação, 2,4% dos alunos recorreu ao item de resposta *Concordo totalmente* para responder à questão “Os meus colegas não fazem caso de mim”. Acerca de a proliferação de rumores e mentiras sobre determinado aluno, voltamos a constatar a mesma tendência que indica que os rapazes são os que apontam ter experienciado este tipo de comportamento por parte dos colegas durante o decorrer do ano

letivo, sendo que 4,8% da amostra respondeu *Concordo totalmente* e outros 4,8% responderam *Concordo muitas vezes*.

O bullying físico é outro tipo de bullying que está presente nas questões do presente inquérito e como tal, é importante fazer a mesma correlação entre as variáveis género e tipo de bullying para compreendermos qual dos géneros está mais predisposto para ser vítima deste tipo de bullying.

Tabela 24. Cruzamento das variáveis “Género dos alunos” e “Os meus colegas agredem-me fisicamente”

		Os meus colegas agredem-me fisicamente (empurram-me, batem-me...)					Total
		Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo poucas vezes	Concordo totalmente	
Género dos alunos	Rapariga	N	10	—	1	—	11
		%	23,8%	—	2,4%	—	26,2%
	Rapaz	N	23	3	2	1	2
		%	54,8%	7,1%	4,8%	2,4%	4,8%
Total	N	33	3	3	1	2	
	% Total	78,6%	7,1%	7,1%	2,4%	4,8%	

Tabela 25. Cruzamento das variáveis “Género dos alunos” com “Os meus colegas estragam coisas minhas” e “Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo”

		Os meus colegas estragam coisas minhas					Total
		Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo poucas vezes	Concordo muitas vezes	
Género dos alunos	Rapariga	N	8	1	—	2	—
		%	19,5%	2,4%	—	4,9%	—
	Rapaz	N	16	3	4	2	3
		%	39,0%	7,3%	9,8%	4,9%	7,3%
Total	N	24	4	4	4	3	
	%Total	58,5%	9,8%	9,8%	9,8%	7,3%	

		Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo					Total
		Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo poucas vezes	Concordo totalmente	
Género dos alunos	Rapariga	N	11	—	—	—	—
		%	26,2%	—	—	—	—
	Rapaz	N	23	3	2	1	2
		%	54,8%	7,1%	4,8%	2,4%	4,8%
Total	N	34	3	2	1	2	
	%Total	81,0%	7,1%	4,8%	2,4%	4,8%	

Relativamente aos dados recolhidos acerca do bullying físico podemos constatar que apesar de uma grande percentagem de alunos ter respondido *Discordo totalmente* (23,8% para as raparigas e 54,8% para os rapazes), cerca de 4,8% dos rapazes utilizaram o item *Concordo totalmente* e 2,4% usaram o item *Concordo poucas vezes* para responder à pergunta “*Os meus colegas agredem-me fisicamente*”. Por outro lado as raparigas não utilizaram este item para responder à questão.

O mesmo acontece com a questão “*Os meus colegas estragam coisas minhas*”, apesar de 19,5% das raparigas e 39% dos rapazes responderem *Discordo totalmente*, podemos verificar que 7,3% dos alunos responderam *Concordo muitas vezes* e 4,9% responderam *Concordo totalmente* ao passo que 0% das raparigas não utilizaram este critério de resposta, face a esta questão específica. Estes dados vão de encontro às evidências apresentadas pela literatura respeitante ao fenómeno do bullying, que denota que os rapazes são vítimas mais frequentes de bullying na forma física, quando comparados com as raparigas.

Segundo o estado da arte, muitos são os autores que afirmam que os rapazes são preferencialmente aqueles que mais perpetuam o bullying na forma física (agressões, estragar objetos, etc.) portanto iremos agora correlacionar o género dos alunos com o bullying físico para percebermos se esta regra também se mantém neste caso específico.

Tabela 26. Cruzamento das variáveis “*Género dos alunos*” com “*Agrido fisicamente outros colegas*”

			Agrido fisicamente outros colegas (bato, empurro...)				Total
			Discordo totalmente	Discordo muitas vezes	Discordo poucas vezes	Concordo poucas vezes	
Género dos alunos	Rapariga	N	11	—	—	—	11
		%	26,8%	—	—	—	26,8%
	Rapaz	N	23	1	4	2	30
		%	56,1%	2,4%	9,8%	4,9%	73,2%
Total		N	34	1	4	2	41
		% Total	82,9%	2,4%	9,8%	4,9%	100%

Efetivamente após a análise desta tabela pode-se concluir que aquilo que o estado da arte explica, os rapazes são aqueles que mais exercem o bullying na forma física até porque, como indicam os dados recolhidos, apenas os rapazes utilizam o item *Concordo poucas vezes* para responder à questão, cerca de 4,9%. Nesta questão apenas um aluno não respondeu.

Para concluir esta análise aos dados recolhidos acerca das **interações dos alunos com os seus pares, no contexto escolar** é importante avaliarmos o papel dos alunos perante situações de bullying entre os pares, para tal, no último grupo de perguntas referentes aos comportamentos interpessoais no contexto escolar, apresentamos as seguintes tabelas com as respostas às seguintes questões *“Na escola vejo os meus melhores amigos a maltratarem outros alunos da escola”* e *“Na escola vejo os meus melhores amigos a serem maltratados por outros alunos da escola”*.

Tabela 27. Frequência das respostas ao item *“Na escola, vejo os meus melhores amigos a maltratarem outros alunos da escola”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Na escola, vejo os meus amigos a serem maltratados por outros alunos da escola	Discordo totalmente	26	61,9%
	Discordo muitas vezes	2	4,8
	Discordo poucas vezes	7	16,7%
	Concordo poucas vezes	3	7,1%
	Concordo muitas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	3	7,1%
	Total	42	100%

Tabela 28. Frequência das respostas ao item *“Na escola, vejo os meus melhores amigos a serem maltratados por outros alunos da escola”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Na escola, vejo os meus amigos a serem maltratados por outros alunos da escola	Discordo totalmente	26	61,9%
	Discordo muitas vezes	2	4,8%
	Discordo poucas vezes	7	16,7%
	Concordo poucas vezes	3	7,1%
	Concordo muitas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	3	7,1%
	Total	42	100%

Decorrente da observação destas tabelas, podemos constatar que em ambas as questões os alunos responderam de forma unânime pois ambas as perguntas recolheram os mesmos pontos percentuais sendo que para a primeira pergunta *“Na escola vejo os meus melhores amigos a maltratarem outros alunos da escola”* 61,9% dos alunos responderam *“Discordo totalmente”* e 7,1% responderam *“Concordo completamente”*. Quando questionados sobre a possibilidade de verem os seus melhores amigos a serem alvo de agressões por parte de outros alunos da escola, as percentagens situaram-se nos mesmos números sendo que

61,9% dos alunos utilizaram o item de resposta *“Discordo totalmente”* e 7,1% utilizaram o item *“Concordo totalmente”* para responder à questão formulada.

Em suma, podemos aferir que os alunos podem ser vitimizados por alunos da sua própria turma daí os inquiridos afirmarem, na sua maioria, que não vêem os melhores amigos a serem maltratados por outros alunos da escola, da mesma forma que os alunos que vitimizam outros provavelmente o fazem com colegas da sua turma.

Quando se procedeu à elaboração deste questionário, considerou-se importante englobar algumas **questões relacionadas com a homossexualidade e questões de cultura e etnia**, para tentar perceber qual a tolerância dos alunos face a estas duas vertentes. Para tal foi elaborada uma tabela com questões sobre o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, questões sobre a influência negativa e/ou positiva da vaga de imigrantes de leste no país e ainda questões relacionadas com os comportamentos de elementos de etnia cigana e quais as repercussões desses mesmos comportamentos para a vida em sociedade.

Os alunos respondiam às perguntas consoante uma escala de medida desde *“Discordo totalmente”*; *“Discordo muitas vezes”*; *“Discordo poucas vezes”*; *“Concordo poucas vezes”*; *“Concordo muitas vezes”* até *“Concordo totalmente”*. No entanto para analisarmos mais claramente as respostas dos alunos, a variável foi recodificada, passando os itens *“Discordo totalmente”*; *“Discordo muitas vezes”*; *“Discordo poucas vezes”* a estar inseridos na categoria *“Discordo”* e os itens *“Concordo poucas vezes”*; *“Concordo muitas vezes”* até *“Concordo totalmente”* a fazer parte da categoria *“Concordo”*.

Seguidamente apresentam-se algumas tabelas que ilustram os resultados obtidos.

**Tabela 29.** Frequência de respostas ao item *“Estou aberto/a a ter novos amigos, mesmo que sejam homossexuais”*

		Estou aberto a ter novos amigos mesmo que sejam homossexuais			Total
		Discordo	Concordo		
Género dos alunos	Rapariga	N	5	6	11
		%	12,2%	14,6%	26,8%
	Rapaz	N	19	11	30
		%	46,3%	26,8%	73,2%
Total	N	24	17	41	
	% Total	58,5%	41,5%	100%	

Segundo os dados recolhidos e apresentados na tabela anterior, verifica-se que quando questionados sobre a sua opinião acerca de dois amigos serem homossexuais, os alunos demonstram ser pouco tolerantes, especialmente se compararmos as respostas dadas pelas raparigas e as respostas dadas pelos rapazes. De facto, neste padrão, as raparigas parecem ser mais tolerantes pois a maioria das inquiridas revelou não ter qualquer preconceito em ter amigos homossexuais. Por outro lado os rapazes são menos tolerantes face a este assunto, como podemos observar pelo quadro, 19 alunos do sexo masculino, isto é 46,3% da totalidade de participantes, utilizou itens de resposta referentes à categoria “Discordo”, ao passo que 11 alunos (26,8%) responderam aos itens correspondentes à categoria “Concordo”. Pela análise deste dados não resta margem para dúvidas de que os alunos do género masculino são mais preconceituosos e menos tolerantes relativamente a ter novos amigos que sejam homossexuais. Já as raparigas se mostram mais recetivas a ter novos amigos, mesmo que sejam homossexuais, o que evidencia que têm um carácter mais tolerante e inclusivo.

Após percebermos a posição dos rapazes e das raparigas sobre o facto de terem amigos homossexuais, é necessário compreender de que forma as raparigas se posicionam face a outras raparigas que mantenham uma relação homossexual e aquilo que os rapazes opinam sobre isto. De salientar que à semelhança do que realizamos no cruzamento das variáveis anteriores, também aqui, a variável “Estou aberto/a a ter novos amigos, mesmo que sejam lésbicas” foi recodificada sendo que, os itens “Discordo totalmente”, “Discordo muitas vezes”, “Discordo poucas vezes” a estar inseridos na categoria “Discordo” e os itens “Concordo poucas vezes”, “Concordo muitas vezes” até “Concordo totalmente” a fazer parte da categoria “Concordo”.

Vejamos a seguinte tabela (30).

Tabela 30.Frequência de respostas ao item “Estou aberto/a a ter novos amigos, mesmo que sejam lésbicas”

		Estou aberto/a a ter novos amigos mesmo que sejam lésbicas		Total	
		Discordo	Concordo		
Género dos alunos	Rapariga	N	8	3	11
		%	19%	7,1%	26,2%
	Rapaz	N	16	15	31
		%	38,1%	35,7%	73,8%
Total	N	24	18	42	
	% Total	57,1%	42,9%	100%	

Decorrente da análise dos dados apresentados na tabela 26, podemos constatar que, mais uma vez os alunos do género masculino demonstram a sua intolerância a ter amigas que mantenham uma relação afetiva com uma pessoa do mesmo sexo. Como podemos verificar, cerca de 16 alunos (38,1%) responderam aos itens de resposta que compõem a categoria “Discordo”, quando questionados sobre a possibilidade de terem novas amigas que fossem lésbicas porém, um número muito aproximado 15 alunos (35,7%) respondeu utilizando itens de resposta referentes à categoria “Concordo”, isto demonstra que apesar de um grande número de alunos discordar totalmente sobre a possibilidade de ter amigas lésbicas, um número maior concorda com essa possibilidade, isto revela contudo que os alunos, rapazes, são mais tolerantes em ter amigas lésbicas do que amigos homossexuais. Quando analisamos as respostas das alunas verificamos que 8 raparigas (19%) responderam “Discordo” à questão “Estou aberto/a a ter novas amigas mesmo que sejam lésbicas” e apenas 3 alunas (7,1%) responderam “Concordo”, o que nos leva a concluir que, à semelhança do que sucede com os rapazes as raparigas são menos tolerantes com as lésbicas do que com os homossexuais.

A análise deste tópico pode ser relevante se associarmos estes dados com as situações de bullying que ocorrem na escola, o facto de os alunos não serem tolerantes e ainda terem preconceito para com aqueles que “fogem” à norma, ou pelo menos que não praticam aquilo que é socialmente espectável, pode fazer com que estes mesmos alunos tenham comportamentos mais agressivos para os outros alunos que não estejam nos padrões aceitáveis e, por isso mesmo se desencadeiem situações de bullying.

Para avaliarmos a tolerância dos alunos perante a diferença, apresentamos em seguida alguns quadros que respeitam a questões inseridas no inquérito por questionário relacionadas com minorias étnicas e cultura.

**Tabela 31.** Frequência das respostas ao item “Um grupo onde se toleram demasiadas diferenças de opinião não pode durar muito”

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Um grupo onde se toleram demasiadas diferenças de opinião não pode durar muito	Discordo totalmente	16 38,1%
	Discordo muitas vezes	2 4,8%
	Discordo poucas vezes	1 2,4%
	Concordo poucas vezes	6 14,3%
	Concordo muitas vezes	4 9,5%
	Concordo totalmente	13 31%
	Total	42 100%



Tabela 32.Frequência das respostas ao item *“Parece-me bem que em vários países europeus estejam surgindo grupos que promovem ações abertamente discriminatórias, inclusivamente violentas, contra certas minorias (marroquinos, ciganos, romenos...)”*.

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Parece-me bem que em vários países europeus estejam surgindo grupos que promovem ações abertamente discriminatórias, inclusivamente violentas, contra certas minorias (marroquinos, ciganos, romenos...)	Discordo totalmente	22	53,7%
	Discordo muitas vezes	2	4,9%
	Discordo poucas vezes	2	4,9%
	Concordo poucas vezes	4	9,8%
	Concordo muitas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	10	24,4%
	Total	41	100%
Total		42	100%

Tabela 33.Recodificação da variável *“Poderia votar num partido com ideologia racista ou xenófoba”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Poderia votar num partido com ideologia racista ou xenófoba	Discordo	21	52,5%
	Concordo	19	47,5%
	Total	40	100%
Total		42	100%

Pela observação das tabelas anteriores podemos constatar que quando questionados sobre assuntos culturais e assuntos relativos a minorias étnicas os alunos mostram-se pouco solidários com aqueles que fazem parte dessas mesmas minorias. Quando questionados sobre *“Um grupo onde se toleram demasiadas diferenças de opinião não pode durar muito”*, 38,1% dos alunos respondeu *“Discordo totalmente”*, sendo que a percentagem de alunos que respondeu *“Concordo totalmente”* não se distancia muito, acumulando uma percentagem de 31%. Isto é indicativo da intolerância dos alunos perante o facto de respeitarem as opiniões dos outros, o que pode revelar uma maior predisposição para desenvolverem comportamentos de violência para com aqueles que não detêm as mesmas opiniões.

Perante a questão *“Parece-me bem que em vários países europeus estejam surgindo grupos que promovem ações abertamente discriminatórias, inclusivamente violentas, contra certas minorias (marroquinos, ciganos, romenos...)”*, voltamos a encontrar uma conclusão semelhante, 53,7% dos alunos respondeu *“Discordo completamente”* porém, apesar de o item de resposta *“Concordo completamente”* contabilizar 24,4 pontos percentuais, se compararmos os seguintes itens, tais como, *“Discordo poucas vezes”*, *“Concordo poucas vezes”* e *“Concordo*

*muitas vezes*” verificamos que a percentagem total do somatório destes três itens perfaz cerca de 41,5% o que nos demonstra que, efetivamente, uma grande percentagem de alunos concorda com o facto de existirem grupos que persigam e discriminem as minorias étnicas.

Outra das perguntas colocadas no inquérito por questionário, no grupo respeitante a questões culturais é *“Poderia votar num partido com ideologia racista ou xenófoba”*, onde uma contabilização total de 47,5% dos alunos, utilizaram os itens de resposta *“Concordo”*, por outro lado 52,5% responderam *“Discordo”*, isto indica que, apesar de a maioria dos alunos ter respondido *“Discordo”*, uma percentagem muito aproximada respondeu *“Concordo”*, isto demonstra que uma grande parte dos alunos demonstram ter ideologias mais racistas e, mais uma vez, esta questão vem corroborar aquilo que já foi dito anteriormente sobre a intolerância dos alunos para com a diferença.

Como já foi discutido, uma grande parte dos alunos inquiridos demonstrou não ser tolerante, explicando que não têm em linha de conta a opinião dos outros, afirmando serem capazes de votar num partido com ideologia xenófoba e/ou racista o que nos leva a concluir que, efetivamente muitas crianças não sabem lidar com a diferença de opiniões e que, simultaneamente, não respeitam aqueles que pertencem a outras etnias ou culturas.

Vejamos agora como respondem os alunos à questão *“Os/as imigrantes tiram postos de trabalho aos portugueses/as”*.

**Tabela 34.** Frequência das respostas ao item *“Os/as imigrantes tiram postos de trabalho aos portugueses/as”*

		Frequência (N)	Percentagem (%)
Os/as imigrantes tiram postos de trabalho aos portugueses/as	Discordo totalmente	11	26,2%
	Discordo muitas vezes	4	9,5%
	Discordo poucas vezes	1	2,4%
	Concordo poucas vezes	2	4,8%
	Concordo muitas vezes	1	2,4%
	Concordo totalmente	23	54,8%
	<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>

Perante esta tabela podemos comprovar que 54,8% dos alunos utilizou o item de resposta *“Concordo totalmente”* para responder à pergunta colocada, isto evidencia que estes alunos têm preconceitos acerca de pessoas imigrantes, à semelhança do que já havíamos constatado anteriormente noutras questões, no entanto neste caso específico podemos aferir

que, provavelmente os alunos fazem esta conclusão talvez por comentários feitos pelos seus pais ou outros familiares que estejam inseridos no mercado de trabalho.

### 2.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a análise dos dados recolhidos através do instrumento utilizado, inquérito por questionário, aos alunos de 5º e 6º ano de escolaridade cuja finalidade era compreender as relações entre pares no contexto escolar, prestando particular atenção às práticas parentais e às atitudes para com grupos étnicos minoritários bem como para com pessoas homossexuais e a sua influência para o desenvolvimento de comportamentos agressivos entre os pares, podemos agora compreender a relevância dos resultados obtidos com o estado da arte sobre o tema do bullying. Além destas questões também foram colocadas algumas perguntas respeitantes às características sociodemográficas dos pais.

Relativamente às **características sociodemográficas** dos pais dos participantes do estudo, a maioria dos pais encontra-se a trabalhar por conta de outrem, sendo que metade das mães destes participantes se encontram numa situação de desemprego e apenas uma pequena percentagem trabalham por conta de outrem. No que concerne às habilitações académicas, a maioria dos pais (e mães) têm habilitações ao nível do 1º ciclo do ensino básico.

De acordo com os dados obtidos, podemos afirmar que os participantes do estudo são, maioritariamente portugueses, sendo alguns pertencentes à etnia cigana, o que nos demonstra uma heterogeneidade de participantes, especialmente na turma de 6º ano onde se concentram todos estes alunos de etnia cigana. Uma vez que temos uma diversidade cultural podemos tentar compreender se, neste caso em concreto, a etnia e a cultura são fatores de risco ou de proteção perante possíveis situações de vitimização de bullying entre os pares. Segundo os dados recolhidos, aquilo que podemos constatar é que, neste caso específico, tendo em consideração aquilo que é retratado na literatura sobre o tema, não encontramos resultados significativos e relevantes para corroborarmos este aspeto.

Segundo a avaliação dos resultados obtidos acerca das questões referentes às **práticas parentais** e ao **acompanhamento dos pais ao longo do percurso escolar dos filhos**, podemos concluir que a maioria dos alunos recebe ajuda dos pais para realizar os trabalhos de casa. Este dado é indicativo de que apesar de os alunos terem uma consciência de que os seus pais os

ajudam nos trabalhos de casa, algo que pode ser observado pelo quadro 10, no entanto, não têm um espaço físico onde possam estudar acompanhados.

Contudo, quando questionamos os participantes sobre o facto de os pais saberem as suas notas e saberem os momentos de avaliação (testes), alguns alunos afirmaram que os seus pais não sabem as suas notas e que também não têm conhecimento de quando os seus filhos têm testes. Curiosamente, quando analisamos esta variável com o ano de escolaridade dos alunos, constatamos que os alunos que responderam que os pais não sabiam as notas e que não sabiam quando estavam agendados os momentos de avaliação, são alunos que fazem da turma do 6º ano de escolaridade. Este dado revela-se, assim, preocupante uma vez que esta turma está sinalizada como sendo uma turma cujos alunos têm mais dificuldades de aprendizagem e que apresentam resultados escolares mais fracos, comparativamente com a turma de 5º ano, cujos alunos também foram participantes no estudo.

Este dado pode ser explicado, também, pela baixa expectativa dos pais em relação ao futuro dos filhos, ou tal como já afirmamos anteriormente, pela facto de o envolvimento dos pais nas atividades escolares ser influenciado por fatores relativos a questões culturais, de etnia, background socioeconómico e estrutura familiar (Roopnarine, Krishnajumar, Metindogan & Evans, 2006). Neste caso concreto temos alunos provenientes de diferentes etnias o que pode indicar esta conclusão.

Efetivamente, este aspeto pode levar-nos a concluir que é provável que estes alunos tenham um acompanhamento da vida escolar, por parte dos seus pais, menos rigoroso e preocupado o que salienta a falta de apoio que os pais prestam a estas crianças. Isto demonstra que estas crianças carecem de supervisão parental a nível do percurso escolar, muitas vezes este fenómeno é explicado pela mudança dos papéis parentais ao longo do tempo,

“os processos de parentalidade e as relações entre os membros da família também estão a mudar ao longo deste tempo. Os jovens tendem a passar menos tempo com as suas famílias, sentem-se menos próximos deles e recebem menos supervisão e monitorização dos seus pais”. (Csikszentmihalyi & Larson, 1984; Dishion, Nelson & Kavanagh, 2003; Hill, Bromell, Tyson & Flint, 2007 citado em Fosco et al., 2012, p. 1)

Por outro lado, à semelhança daquilo que nos dizem estes mesmos autores, quando os pais estão mais atentos aos seus filhos fazem com que os seus filhos obtenham melhores resultados, “(...) pais que se mantêm informados acerca das atividades dos seus filhos, estão atentos ao seu comportamento e estruturam o ambiente das crianças, têm filhos com melhores resultados” (Dishion & McMahon, 1998; Hoeve et al., 2009 citado em Fosco, Stormshak, Dishion & Winter, 2012, p.203).

Porém, devemos ter em consideração que este número, quando comparado com o número total da amostra, é pouco relevante, pois não indica que este acontecimento é regra, logo não devemos generalizar este dado.

Outro aspeto que decidimos avaliar, através deste inquérito, relaciona-se com as **práticas parentais**, e aqui podemos referir que a maioria dos pais tenta estabelecer uma relação de empatia com os seus filhos, pois constatamos que os alunos afirmam que os pais conversam com eles, contudo, apesar de alguns alunos afirmarem que os seus pais conversam com eles, outros indicam que, no caso de terem um problema não o confidenciaram com os pais. Esta situação é corroborada pela literatura sobre o tema, que demonstra que os filhos, mais precisamente os adolescentes tendem a criar novas redes sociais de apoio e intimidade o que faz com que muitas vezes, haja mais facilidade em contar os problemas aos amigos,

“Durante a adolescência, a rede de apoio social passa por uma grande mudança: os sentimentos de apoio, de proximidade e intimidade dos adolescentes, com os seus pais decrescem durante a adolescência (...) ao mesmo tempo, as amizades dos adolescentes tornam-se mais íntimas, mais abertas e apoiantes”. (Seeds et al., 2010, p. 682)

Outros autores partilham da mesma opinião sendo que Seixas (2005, pp. 100-101) afirma que “(...) os alunos vitimizados referem procurar ajuda mais frequentemente aos amigos, (...) o que coloca, uma vez mais, os pares em posição privilegiada para identificar os colegas que se envolvem em comportamentos de bullying e vitimização”.

Relativamente às **questões de violência entre pares no contexto escolar** (bullying), quando analisamos as respostas dos alunos ao inquérito confirmamos que não existem dados muito significativos que nos permitam dizer que nestas turmas, em particular, e na escola, em geral, existam casos de bullying. No entanto, podemos encarar estes dados como sendo uma

resposta àquilo que seria expectável de responder, em termos de desejabilidade social, pois, sabemos por conversas com professores destas turmas, que existem casos de bullying mas que são camuflados e dissimulados pelos alunos. Apesar disto, decorrente da análise dos dados, temos um caso claro de vitimização por parte de um aluno de uma turma de 5º ano, o que é preocupante pois este mesmo aluno indica que não tem amigos, que passa os intervalos sozinhos e que é excluído das atividades pelos colegas, o que nos leva a refletir que uma vez que este aluno está no 5º ano a adaptação a uma nova escola, com muitos alunos não foi uma tarefa simples.

Quando analisados os dados recolhidos acerca dos comportamentos de bullying e quais os tipos de bullying que estão mais relacionados com determinado género, concluímos que os rapazes continuam a perpetrar mais bullying do tipo físico mas também verbal ao passo que as raparigas, que, geralmente costumam praticar um bullying mais indireto, neste caso afirmaram que não o fazem, mas alguns dos rapazes quando questionados sobre a possibilidade de exercerem bullying na forma indireta, revelam que o fazem. Estes dados vão de encontro ao estado da arte em que alguns autores defendem que, “A investigação tem vindo a demonstrar que os rapazes estão mais envolvidos em situações de agressão direta, através do bullying verbal e físico, ao passo que as raparigas estão significativamente mais envolvidas em situações de agressão indireta ou relacional” (Carrera, Lameiras, Rodríguez, Failde & Castro, 2013, p. 2). Neste estudo devemos ter em consideração o facto de a amostra ser maioritariamente composta por rapazes o que pode enviesar estes resultados.

Outro dos pontos que consideramos importantes de avaliar, relativamente às questões do bullying em contexto escolar, relacionam-se com as **atitudes respeitantes à orientação sexual dos pares**, isto é, para compreendermos o fenómeno do bullying não podemos direccionar a nossa análise apenas num único sentido, importa explorar todos os fatores que podem motivar o desenvolvimento destes comportamentos entre os alunos. Assim é de suma importância ter em consideração este aspeto, até porque, segundo Almeida e Carrera (2014, p. 8), “(...) as atitudes sexistas e atitudes de tolerância para com a diversidade sexual, (...) têm-se revelado também soluções-chave para a compreensão e prevenção das problemáticas”.

Após a análise da escala de homofobia, concluímos que tanto rapazes como raparigas são pouco tolerantes relativamente à diversidade sexual, isto é, os rapazes afirmam que não estavam disponíveis para ter novos amigos, no caso de serem homossexuais, assim como as raparigas se posicionam da mesma forma perante a possibilidade de terem amigas lésbicas.

Porém, quando questionados sobre a possibilidade de terem amigos homossexuais, as raparigas demonstram ser mais tolerantes ao passo que o mesmo acontece com os rapazes que também se mostram mais tolerantes em ter amigas lésbicas.

Estas considerações vão de encontro à literatura sobre a temática que explica que os rapazes são menos tolerantes com gays e lésbicas quando comparados com as raparigas, “estudos anteriores demonstraram que, em comparação com os pares femininos, os rapazes têm mais atitudes negativas perante gays e lésbicas” (Hoover & Fishbein, 1999 citado em Collier, Bos & Sandfort, 2012, p. 906). Outro dos motivos que pode estar na base de os rapazes serem relutantes em ter amigos gays relaciona-se com o entendimento da homossexualidade, para alguns rapazes, como uma transgressão à norma daquilo que é socialmente desejável, tal como explicam alguns autores, “outro determinante importante para as atitudes dos heterossexuais para com gays e lésbicas é a transgressão dos gays e lésbicas às normas tradicionais de género” (Collier, Bos & Sandfort, 2012, p. 900-901).

Segundo William (1993, p.13) “em geral o género, atitudes de papéis de género e variáveis religiosas são importantes preditores de atitudes homofóbicas” e porque “entre os rapazes, em adição à sua conexão com a agressão, o discurso homofóbico pode ser usado para afirmar a heterossexualidade e reforçar os comportamentos de género normativos” (Poteat & Rivers, 2010, p. 167).

Relativamente **às questões de etnia e de cultura** observamos que estes alunos demonstram alguma intolerância relativamente a minorias étnicas e demonstram a probabilidade de votar em partidos com ideologias racistas ou xenófobas. Mais uma vez estes dados levantam a tónica respeitante às questões culturais e de etnicidade. Uma vez que temos uma amostra em que existe um número significativo de alunos de etnia cigana é importante perceber de que forma estes alunos estão mais vulneráveis à vitimização do bullying ou, por conseguinte, estarem mais predispostos a tornarem-se bullies.

No caso deste estudo em particular, também sabemos que decorrente do facto de alguns alunos pertencerem a etnia cigana também pode explicar que muitos rapazes sejam relutantes em fazer amizade com rapazes homossexuais até pelos costumes culturais ciganos, bastante enraizados, que reprovam estes comportamentos e muitas vezes porque os homens especificamente porque são “obrigados” a desempenhar comportamentos mais masculinos (William, 1993).

Tal como já foi referido anteriormente, a etnia também tem um papel importante na vitimização entre pares e no bullying, “desde que é conhecido, o desequilíbrio de poder é um pré-requisito do bullying entre pares (...) a etnicidade pode desempenhar um papel importante no bullying entre pares e na vitimização” (Vervoot & Scholte, 2008, p. 1-2).

Constatamos também que nos grupos étnicos maioritários existe uma menor prevalência de os seus membros serem discriminados, dentro do grupo, por via da sua etnia, e existe uma menor probabilidade de serem discriminados por os outros pares, em geral. Por outro lado aqueles que pertencem a minorias têm uma maior vulnerabilidade face à vitimização com base na discriminação (Shumann, Craig & Rosu, 2013). Muitas vezes estas atitudes face a grupos minoritários ou maioritários é influenciado pela distribuição destes grupos étnicos pelas salas de aula, ou seja, segundo afirmam Felix e You (2011, p. 862), “(...) numa sala de aula diversificada, a minoria estatística pode estar mais vulnerável face à vitimização enquanto a maioria estatística tem maior probabilidade de ter uma reputação de perpetradores do que de vítimas”. Apesar de não ser um dado explicitamente conhecido, sabe-se que, nesta escolar em particular, o facto de alguns alunos pertencerem à etnia cigana faz com que adquiram uma legitimidade que lhes permite vitimizar os pares.

Relativamente às questões relacionadas com o comportamento interpessoal entre os pares no contexto escolar, continuamos a constatar que a maioria dos alunos não revela se já experienciou alguma situação de bullying, sendo muito poucos os participantes que afirmam já ter experienciado algum tipo de bullying na escola. O mesmo se verifica em relação à consciência dos alunos em serem agressivos para com os seus pares em que mais uma vez as percentagens são muito pouco significativas para afirmar, com certeza, que ocorrem situações de bullying. Porém, podemos compreender estes dados como uma forma de dissimular aquilo que acontece no contexto escolar, por parte dos alunos, fazendo com que o bullying continue a ser camuflado por entre as paredes da escola.

É igualmente crucial compreender que as práticas parentais podem influenciar o comportamento das crianças, no entanto, os dados obtidos revelam que a maioria dos pais dos participantes estão envolvidos no seu percurso escolar e apoiam-nos nas atividades, sendo que alguns participantes indicam que apesar de sentirem este apoio contam com a ajuda dos irmãos e não têm um sítio onde possam estudar acompanhados. Contudo os resultados obtidos não nos permitem estabelecer uma ligação direta entre a variável das práticas parentais e os comportamentos de bullying.



Em suma, podemos concluir, decorrente da análise dos dados recolhidos que estes alunos demonstram ser bastante intolerantes perante a diferença, seja ela evidenciada em termos culturais ou sexuais, uma vez que estes alunos demonstram não estarem disponíveis para serem amigos de pessoas homossexuais e por outro lado por demonstrarem que seriam capazes de votar em partidos xenófobos e/ou racistas. Perante estes dados vemos que esta intolerância pode ser o rastilho que culmina no desenvolvimento de comportamentos de bullying, pois os alunos que não toleram a diferença, mais facilmente exercem bullying sobre os pares pois o facto de alguns alunos não fazerem parte dos padrões aceitáveis, garante aos bullies uma legitimidade para exercer comportamentos agressivos, tornando as vítimas alvos fáceis.

Deste modo, e tendo por base os resultados obtidos nesta investigação, podemos concluir que é de suma importância que se desenvolvam na escola intervenções que explorem o campo da tolerância face à diferença, é importante que os alunos compreendam que a diferença não deve ser encarada como algo negativo mas sim como uma característica da personalidade individual de cada pessoa. Portanto é importante que os alunos aprendam a agir com respeito e tolerância perante a diferença e não com agressividade e hostilidade, como tem vindo a ser hábito, desenvolvendo, na própria escola, atitudes positivas em relação à diferença, “(...) em geral, as atitudes positivas em relação a qualquer tipo de diferença, devem ser vistas como um elemento enriquecedor da comunidade escolar” (Almeida & Carrera, 2014, p. 8).

No entanto todos os agentes que promovam a mudança, pais, professores, demais comunidade educativa, devem ser envolvidos neste tipo de ações até porque “os adultos no ambiente escolar constituem agentes fundamentais para a prevenção e gestão do fenómeno” (Almeida & Carrera, 2014, p. 6), sendo igualmente importante envolver os pais em ações desenvolvidas na escola que tenham como finalidade demonstrar a importância do envolvimento dos pais no percurso escolar dos filhos, a importância de exercer práticas parentais mais positivas, baseadas no apoio, compreensão e supervisão no sentido de proporcionar aos pais ferramentas que lhes permitam identificar e agir perante determinados comportamentos de bullying ou de vitimização.

O bullying não deve ser encarado como uma mera “brincadeira de crianças” ou desvalorizado, este fenómeno é extremamente nefasto para aqueles que o experienciam, quer através da vitimização ou do envolvimento em comportamentos de bullying enquanto agressores, portanto é da responsabilidade de todos desenvolver e implementar estratégias e intervenções

que permitam controlar e, preferencialmente, erradicar este fenómeno, devolvendo à escola um clima de segurança.

“A criação e a manutenção de um ambiente escolar que garanta o bem-estar dos alunos e desencoraje o comportamento antissocial é da maior importância. Uma cultura de apoio aos alunos garante a sua segurança, estimula o diálogo e as relações positivas e aumenta o sentimento de ligação à escola que reduz o risco de bullying.” (Almeida, 2014, p. 9)

## CONCLUSÃO

A realização deste trabalho foi de suma importância para compreender as interações que ocorrem no contexto escolar, entre os pares e perceber de que forma o exercício das práticas parentais pode constituir um fator protetor ou de risco para o desenvolvimento de comportamentos negativos, designadamente o bullying.

Para além deste ponto a exploração de outras variáveis tais como, a cultura e etnia e a diversidade, demonstram que muitos são os fatores que implicitamente potenciam estes comportamentos.

Como podemos constatar, decorrente da análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário, muitos dos participantes neste estudo demonstram alguma intolerância relativamente à diferença do outro, quer seja ela consequência da cultura a que o outro pertence ou à orientação sexual que escolheu. Também as práticas parentais que analisamos permitem-nos concluir que, muito possivelmente, alguns alunos não recebem a supervisão e apoio necessários por parte dos seus pais.

Efetivamente não temos dados empíricos significativos que nos permitam concluir que ambas as situações potenciam o desenvolvimento de comportamentos de bullying ou que resultam numa maior vulnerabilidade face à vitimização, no entanto podemos desenhar uma hipótese que nos apraz afirmar que, provavelmente, estes fatores podem comprometer as interações sociais dos alunos com os seus pares.

É importante não descurar as influências do bullying para o quotidiano escolar e para a vida daqueles que o experienciam, quer através seja perpetuando estes comportamentos ou sendo vítima destes comportamentos. Portanto educadores, pais, alunos, professores e demais comunidade escolar devem unir esforços no sentido de diminuir a proliferação deste fenómeno, quer seja através do exercício de práticas parentais mais positivas, promovendo respostas mais positivas para o relacionamento com os outros, quer seja pela implementação de uma política de tolerância zero face ao bullying e pela responsabilização e promoção de comportamentos mais tolerantes e positivos face à diferença, todos temos um papel central e juntos conseguiremos criar uma mudança no sentido de devolver à escola e a todos quantos a frequentam um clima de segurança e estabilidade.

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, A. (2014). Recomendações para a prevenção do cyberbullying em contexto escolar: uma revisão comentada dos dados da investigação. *Educação, Ciência e Cultura*, 19, (1), 77-91.

Almeida, A. & Carrera-Fernandéz, M. V. (2014). O caráter ímpar do bullying na relação de pares: Conceções e modelos de intervenção sistémica in M. Matos (Coord.), *Vítimas de Crime e Violência. Práticas de intervenção* (p. 45-46). Braga: Psiquilíbrios edições.

Areepattamannil, S. (2010). Parenting practices, parenting style and childrens' school achievement. *Psychol Stud*, 55, (4), 283-2889.

Baldry, A.C. & Farrington, D. P. (1998). Parenting influences on bullying victimization. *Legal and Criminological Psychology*, 3, 237-254.

Bryan, T. & Nelson, C. (1994). Doing homework: perspectives of elementary and junior high school students. *Journal of Learning disabilities*, 27, (8), 488.

Carrera, M. V. F., Fernández, M. L., Castro, Y. R., Garrido, J. M. F. & Otero, M. C. (2013). Bullying in spanish secondary schools: gender-based differences. *Spanish Journal of Psychology*, 16, 1-14.

Collier, K. L., Bos, H. M. W. & Sandfort, T. G. M. (2012). Intergroup contact, attitudes toward homosexuality, and the role of acceptance of gender non-conformity in young adolescents. *Elsevier: Journal of Adolescence*, 35, 899-907.

Demaray, M. K., Malecki, S. M. & Lyell, K. M. (2013). Agreement among students', teachers', and parents' perceptions of victimization by bullying. *Elsevier: Children and Youth Services Review*, 35, 2091-2100.

Felix, E. D. & You, S. (2011). Peer victimization within the ethnic context of high school. *Journal of Community Psychology, 39*, (7), 860-875.

Fosco, G. M., Stormshak, E. A., Dishion, T. J. & Winter, C. E. (2012). Family relationships and parental monitoring during middle school as predictors of early adolescent problem behavior. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 41*, (2), 202-213.

Gallarin, M. & Alonso-arbiol, J. (2012). Parenting practices, parental attachment and aggressiveness in adolescence: a predictive model. *Journal of Adolescence, 35*, 1601-1610.

Georgiou, S. N. & Stavrinides, P. (2013). Parenting at home and bullying at school. *Soc Psychol Educ, 16*, 165-179.

Kwan, G. C. E., & Skoric, M. M. (2013). Facebook bullying: an extension of battles in school. *Elsevier: Computers in Human Behavior, 24*, 16-25.

Lereya, S. T., Samara, M. & Wolke, D. (2013). Parenting behavior and the risk of becoming a victim and a bully/victim: a meta-analysis study. *Elsevier: Child Abuse and Neglect, 37*, 1091-1108.

Poteat, V. P. & Rivers, I. (2010). The use of homophobic language across bullying roles during adolescence. *Elsevier: Journal of Applied Developmental Psychology, 31*, 166-172.

Roopnarine, J. L., Krishnakumar, A., Metindogan, A. & Evans, M. (2006). Links between parenting styles, parent-child academic interaction, parent-school interaction and early academic skills and social behaviors in young Caribbean immigrants. *Elsevier: Early Childhood Research Quarterly, 21*, 238-252.

Sawyer, J-L., Mishna, F., Pepler, D. & Wiener, J. (2011). The missing voice: parents' perspectives of bullying. *Elsevier: Children and Youth Services Review, 33*, 1795-1803.

Seeds, P. M., Harkness, K. L. & Quilty, L. C. (2010). Parental maltreatment, bullying, and adolescent depression: evidence for the mediating role of perceived social support. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 39, (5), 681-692.

Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 23, (2), 97-110.

Unnever, J. D. & Cornell, D. G. (2004). Middle school victims of bullying: who reports being bullied. *Aggressive behavior*, 30, 373-388.

Veenstra, R., Verlinden, M., Huitsing, G., Verhulst, F. C. & Tiemeier, H. (2013). Behind bullying and defending: same-sex and other-sex relations and their associations with acceptance and rejection. *Aggressive behavior*, 999, 1-10.

Vervoot, M. H. M. & Scholte, R. H. J. (2010). Bullying and Victimization among adolescents: the role of ethnicity and ethnic composition of school class. *Journal of Youth Adolescence*, 39, 1-11.

William, M. (1993). Attitudes toward homosexual activity and gays as friends: a national survey of heterosexual 15 to 19 year old males. *Journal of Sex Research*, 30, (1), 12-17.

Young, C. Y., Austin, S. M. & Growe, R. (2013). Defining parental involvement: perception of school administrators. *Education*, 133 (3), 291-297.